

IX 9Marcas CONSTRUINDO IGREJAS SAUDÁVEIS

SÃ DOUTRINA

COMO UMA
IGREJA CRESCE
NO AMOR E NA
SANTIDADE
DE DEUS



BOBBY JAMIESON

As Escrituras existem para a sã doutrina, a sã doutrina existe para a vida real e a vida real existe para que a igreja verdadeira cresça. Isso é o que Jamieson afirma, e ele acerta em cheio e de forma brilhante o tempo todo.

J. I. Packer, professor de Teologia na Regent College e membro do Conselho Diretivo

“Fique atento à sua doutrina.” Tal imperativo a um cristianismo fiel soa, para muitos cristãos, algo abstrato e distante da vida da igreja. Bobby Jamieson tem outra visão sobre isso, e *Sã doutrina* é uma argumentação magistral em favor da doutrina que não apenas tem raízes profundas na própria igreja, mas também produz uma igreja que exhibe tanto a graça quanto a glória de Deus.

R. Albert Mohler Jr., diretor do Southern Baptist Theological Seminary

Uma verdadeira experiência cristã vai além da sã doutrina, entretanto não é nada sem ela. Bobby nos ajuda a enxergar que uma sã doutrina não apenas molda todos os ministérios na igreja local, mas os capacita — desde uma evangelização eficiente até grupos pequenos genuínos. Esse livro pode servir de ponto de partida para refletirmos acerca de uma filosofia do ministério.

J. D. Greear, pastor líder da igreja The Summit Church, Durham, Carolina do Norte, e autor de *Stop asking Jesus into your heart*

A verdade existe para a vida. O ensino existe para o viver. A sã doutrina existe para o amor, a unidade, a adoração, o testemunho e a alegria. Esse livro trata exatamente disso. Os cristãos precisam compreender como um ensino bíblico sólido — uma doutrina fundamentada nas Escrituras Sagradas e extraída delas — permeia todos os aspectos da vida e da experiência cristã. Bobby Jamieson defende essa tese em *Sã doutrina*. Sua argumentação é concisa, bíblica, interessante e irrefutável. Você não demorará muito para ler esse livro, mas o conteúdo dele renderá dividendos para cristãos e igrejas por um longo tempo.

J. Ligon Duncan, ministro titular da igreja First Presbyterian Church, em Jackson, Mississippi, e professor da cátedra John E. Richards de Teologia Sistemática e Histórica no Reformed Theological Seminary

Você é daqueles que acreditam que a doutrina no mínimo não tem uma dimensão prática ou, na pior das hipóteses, carece de amor? Conceda a esse autor alguns minutos, e ele vai ajudá-lo a repensar seus conceitos. Bem escrito, preciso, provocativo e prático — Jamieson criou uma joia.

Mark Dever, pastor titular da igreja Capitol Hill Baptist Church, em Washington, DC

Eu faço um curso no seminário ao lado de Bobby Jamieson e por isso posso afirmar que ele é um sujeito bastante esperto, um verdadeiro *nerd*, teologicamente perspicaz e — para minha surpresa — um surfista entusiasmado. Antes da minha conversão, eu costumava me sentar atrás de caras como o Bobby para poder colar, mas agora faço isso para aprender — e há muito para aprender com o Bobby! Se você não compreende por que uma sã doutrina

é relevante nem percebe a diferença que ela pode fazer, Bobby tem algo a lhe ensinar. Nesse livro, você aprenderá que a sã doutrina sólida é tanto prazerosa quanto útil, seja em nosso dia a dia, seja na igreja. Venha e sente-se comigo ao lado de Bobby.

C. J. Mahaney, Sovereign Grace Churches

Uma doutrina que seja fiel biblicamente e relevante de um ponto de vista prático é essencial para a saúde e para a vida da igreja. Sem isso, as igrejas ficam anêmicas e acabam morrendo. *Sã doutrina* é uma pequena cartilha sobre as doutrinas-chave da santidade, do amor, da unidade, da adoração e do testemunho. Em um tratado cuidadoso e bem escrito, Bobby Jamieson nos conduz por essas doutrinas fundamentais, revelando sua importância para nossa mente e nosso coração, em nossa vida pessoal e na comunidade da fé.

Daniel L. Akin, diretor do Southeastern Baptist Theological Seminary

Se você já foi algum dia tentado a pensar que doutrina é algo maçante, desagregador ou simplesmente sem sentido, esse livro é para você. Bobby Jamieson nos mostra que a sã doutrina é bela, vivificante e profundamente desejável. Espero que essa mensagem alcance todos os cantos da terra.

Michael Reeves, diretor de Teologia no UCCF, no Reino Unido, e autor de *Delighting in the Trinity* e *The unquenchable flame*

SÃ DOUTRINA

Série 9Marcas: Construindo Igrejas Saudáveis

MARK DEVER E JONATHAN LEEMAN, organizadores

Pregação expositiva (David Helm)
O evangelho (Ray Ortlund)
Evangelização (J. Mack Stiles)
Membresia na igreja (Jonathan Leeman)
Disciplina bíblica na igreja (Jonathan Leeman)
Discipulado (Mark Dever)
Presbíteros (Jeramie Rinne)
Sã doutrina (Bobby Jamieson)



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Jamieson, Bobby

Sã doutrina : como uma igreja cresce no amor e na santidade de Deus / Bobby Jamieson ; tradução de James Reis. — São Paulo : Vida Nova, 2016.

ePub

ISBN 978-85-275-0675-5 (recurso eletrônico)

Título original: *Sound doctrine: how a church grows in the love and holiness of God*

1. Igreja - crescimento 2. Teologia dogmática I. Título II. Reis, James

16-0236

CDD 250

Índices para catálogo sistemático:

1. Igreja – crescimento

IX 9Marcas CONSTRUINDO IGREJAS SAUDÁVEIS

SÃ DOUTRINA

COMO UMA
IGREJA CRESCE
NO AMOR E NA
SANTIDADE
DE DEUS

BOBBY JAMIESON

Tradução
JAMES REIS


VIDA NOVA

©2013, de Robert B. Jamieson III

Título do original: *Sound doctrine: how a church grows in the love and holiness of God*, edição publicada pela CROSSWAY (Wheaton, Illinois, EUA).

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por
SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA
Caixa Postal 21266, São Paulo, SP, 04602-970
vidanova.com.br | vidanova@vidanova.com.br

1.^a edição: 2016

Proibida a reprodução por quaisquer meios, salvo em citações breves, com indicação da fonte.

Todas as citações bíblicas sem indicação da versão foram traduzidas diretamente da English Standard Version (ESV).

GERÊNCIA EDITORIAL
Fabiano Silveira Medeiros

EDIÇÃO DE TEXTO
Rosa Maria Ferreira

PREPARAÇÃO DE TEXTO
Paula Jacobini
Larissa Medeiros

REVISÃO DA TRADUÇÃO
Paula Jacobini

REVISÃO DE PROVAS
Ubevaldo G. Sampaio

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO
Sérgio Siqueira Moura

DIAGRAMAÇÃO
Sandra Reis Oliveira

DIAGRAMAÇÃO PARA E-BOOK
Yuri Freire

CAPA
Dual Identity, Inc.
Imagem: Wayne Brezinza, para brezinkadesign.com
Vania Carvalho (adaptação)

Para Kristin,
com todo o meu amor.

SUMÁRIO

Prefácio da *Série 9Marcas*

Agradecimentos

Introdução

- 1 A sã doutrina existe para a vida — a vida da igreja
- 2 A sã doutrina existe para a leitura e o ensino da Bíblia
- 3 A sã doutrina existe para a santidade
- 4 A sã doutrina existe para o amor
- 5 A sã doutrina existe para a unidade
- 6 A sã doutrina existe para a adoração
- 7 A sã doutrina existe para o testemunho

Posfácio: A sã doutrina existe para a alegria

De que adianta conhecer a verdade em palavras,
se o corpo é profanado e realizam-se ações deploráveis?
E que lucro pode vir da santidade do corpo, se a verdade
não habitar a alma? Pois ambas se regozijam unidas
e se aliam para levar o homem à presença de Deus.

IRENEU DE LIÃO,
*Sobre a pregação apostólica*¹

¹Irenaeus of Lyons [Ireneu de Lião], *On the apostolic preaching* (Crestwood: St. Vladimir's Seminary, 1997), p. 40.

PREFÁCIO DA SÉRIE 9MARCAS

Você acredita ser sua responsabilidade ajudar a construir uma igreja saudável? Se você é cristão, cremos que é o que deve fazer.

Jesus ordena que você faça discípulos (Mt 28.18-20). Judas manda que você se edifique na fé (Jd 20,21). Pedro o conclama ao uso de seus dons para servir às pessoas (1Pe 4.10). Paulo o chama a dizer a verdade em amor, a fim de que sua igreja amadureça (Ef 4.13,15). Percebe aonde estamos chegando?

Seja você membro ou líder da igreja, a série *9Marcas: Construindo Igrejas Saudáveis* tem como alvo ajudá-lo a cumprir esses mandamentos bíblicos e, assim, desempenhar sua parte na construção de uma igreja saudável. Em outras palavras: esperamos que esses livros o ajudem a crescer em amor por sua igreja, assim como Jesus a ama.

O Ministério 9Marcas planeja produzir um livro pequeno e de fácil leitura sobre cada uma das características que Mark Dever chamou “as nove marcas da igreja saudável”, com um volume extra sobre a sã doutrina. Leia também os livros sobre pregação expositiva, teologia bíblica, o evangelho, conversão, evangelização, membresia na igreja, disciplina bíblica na igreja, discipulado e liderança bíblica na igreja (presbíteros).

As igrejas locais existem para demonstrar a glória de Deus às nações. Fazemos isso ao fixar os olhos no evangelho de Jesus Cristo, confiando nele para sermos salvos e amando uns aos outros com a santidade, a unidade e o amor de Deus. Oramos para que este livro o ajude.

Cheios de esperança,

MARK DEVER E JONATHAN LEEMAN,
organizadores da série.

AGRADECIMENTOS

Meu muito obrigado, antes de mais nada, a Mark Dever, Matt Schmucker, Ryan Townsend e Jonathan Leeman pela fiel liderança que exercem, não apenas em suas igrejas locais, mas também na 9Marks [9Marcas] e por seu intermédio. Muito obrigado por terem me dado o privilégio e a alegria de trabalhar com todos vocês. Agradeço a Deus as diversas formas em que vocês me ajudaram a crescer como cristão e as ocasiões em que se doaram abnegadamente a mim e à minha família. E um agradecimento especial a Jonathan por ter investido tanto para me ajudar a crescer como escritor.

Agradeço a toda a equipe da 9Marks por tornar possível esse trabalho de edificação de igrejas saudáveis. E agradeço a todos os doadores que ofertaram seus recursos para essa obra, de modo que pudéssemos doar nosso tempo.

Muito obrigado a Crossway por sua generosa e valiosa parceria com nosso ministério.

Meus agradecimentos a Ligon Duncan, cuja palestra na T4G¹ de 2008 plantou algumas das sementes que acabariam dando origem a este livro.

Minha gratidão àqueles que leram e opinaram sobre o manuscrito, incluindo meus pais e meus queridos amigos Mike Carnicella, Matt McCullough e Alex Duke.

Muito obrigado aos meus irmãos, coparticipantes na igreja Third Avenue Baptist Church, por seu compromisso com o evangelho e uns com os outros e por viverem uma vida piedosa e enraizada no solo da sã doutrina.

Por fim, muito obrigado à minha esposa, Kristin, a quem simplesmente não tenho como agradecer o suficiente.

¹Together for the Gospel [Juntos pelo Evangelho], conferência bianual de pastores e líderes que se reúnem para tratar do avanço do evangelho. (N. do T.)

INTRODUÇÃO

O que você pensa sobre doutrina? Ela serve apenas para causar desavenças e divisões entre os cristãos? Trata-se de algo que nos afasta do mundo real da evangelização? Ela é importante para pastores, mas não tão fundamental para as demais pessoas?

Talvez você tenha uma atitude mais positiva em relação à doutrina. Talvez você ame aprender acerca de Deus, mas às vezes parece que o que está em sua mente está se desenvolvendo bem mais rápido do que o que há em seu coração.

Qualquer que seja sua posição em relação à doutrina, o objetivo deste livro é convencê-lo de que a sã doutrina é essencial para que tenhamos uma vida piedosa e construamos igrejas saudáveis. Por quê? Porque a sã doutrina existe para a vida — a vida da igreja.

Há duas ideias principais que perpassam este livro de capa a capa. A primeira é a de que a sã doutrina existe para a vida. Ou seja, ela é prática; não se resume a um conjunto de fatos abstratos, mas é um roteiro que nos mostra quem somos, onde estamos e para onde estamos indo. A sã doutrina é, portanto, essencial para que a vida que vivemos e as igrejas que construímos glorifiquem a Deus.

A segunda ideia principal deste livro é que a sã doutrina existe para a vida *da igreja*, isto é, ela produz vidas moldadas conforme uma igreja local saudável. Os frutos nutridos pela sã doutrina não são só individuais, mas coletivos. Assim, a sã doutrina é essencial para cada aspecto da vida institucional de nossas igrejas.

Isso significa que, à medida que estudamos a sã doutrina como cristãos individualmente, devemos aplicar o que aprendemos em nossas igrejas locais. E isso significa que os pastores devem alimentar com fidelidade seus rebanhos com uma doutrina sólida e moldar cada aspecto de suas igrejas em torno da sã doutrina. A doutrina não se presta apenas a uma confissão de fé, que fica oculta em uma página secundária do website da igreja; ela deve ser aplicada em sermões, grupos pequenos, conversas individuais, orações, hinos

e muito mais. A sã doutrina deve correr nas veias de nossas igrejas e nutrir cada aspecto de nossa vida em comunhão.

Este livro nasceu de um estudo bíblico que escrevi chamado *The whole truth about God: biblical theology* [Toda a verdade sobre Deus: teologia bíblica].¹ Esse conteúdo cresceu e se desenvolveu, mas, se você quiser explorar parte desse material no contexto da escola dominical ou de um grupo pequeno, vale a pena conhecer esse estudo.

Começaremos no capítulo 1 estipulando que a sã doutrina existe para a vida — a vida da igreja. O capítulo 2 concentra-se em como a sã doutrina molda nosso modo de ler e ensinar a Bíblia, seja como indivíduos, seja como igreja. O restante do livro examina cinco frutos na vida da igreja que a sã doutrina alimenta e nutre: santidade, amor, unidade, adoração e testemunho.

Você está pronto? Ótimo! Eu também.

¹*The whole truth about God: biblical theology* (Wheaton: Crossway, 2012). Esse estudo bíblico faz parte de uma coleção em dez volumes chamada 9Marks Healthy Church Study Guides [Guias de estudo 9Marcas para a igreja saudável], todos publicados pela Crossway.

A SÃ DOUTRINA EXISTE PARA A VIDA — A VIDA DA IGREJA

Sempre tive interesse especial por mapas. Quando era pequeno e viajava de carro com minha família, ficava acompanhando nosso percurso no banco de trás, totalmente absorto em um enorme guia rodoviário *Rand McNally* que abria sobre o colo. Pode me chamar de *nerd*, se quiser, mas isso é bem melhor que ficar perguntando “Já chegamos?” a cada cinco minutos.

É claro que não só os mapas que trazem desenhos de estradas que são úteis. Todos fazemos mapas mentais que nos ajudam a realizar nossas tarefas — como fazer compras, passar no supermercado e devolver os livros na biblioteca, e tudo antes da soneca do caçula — ou a fazer as coisas de que gostamos.

Adoro surfar (embora atualmente more a uma distância absurda do litoral, no Kentucky!), e surfar se resume a pegar boas ondas. Mas pegar boas ondas pode ser complicado. Elas são o produto de uma delicada interação entre direção da elevação, tamanho, período (a distância entre ondas), maré, vento, deslocamento de bancos de areia e muito mais. Por isso, um surfista dedicado está sempre aprimorando um mapa mental de onde encontrar as melhores ondas e as menos frequentadas. Para a região onde cresci surfando, no norte da Califórnia, a leitura desse mapa mental soaria mais ou menos assim: uma elevação noroeste de três metros que tenha um ponto de quebra ao norte será perfeita na seção central em certo ponto da cidade, assim que a maré baixar. E uma maré baixa negativa vai esvaziar os pontos no lado leste, mas agitará um recife instável na ponta da praia. A recompensa, claro, é um bom surfe — mas a perseguição da onda perfeita também faz parte da diversão.

Mapas servem a um propósito bastante prático: ajudam-nos a chegar aonde desejamos ir. Aliás, com um bom mapa e senso de direção, você simplesmente nunca se perderá. De vez em quando preciso lembrar minha

esposa, diante de uma leve incerteza acerca da direção a ser tomada, que posso não saber o que fazer em seguida, mas não estou perdido — sei exatamente onde estou (os homens da família Jamieson são famosos, pelo menos entre nós mesmos, pelo apurado senso de direção).

Essa é uma razão pela qual eu teimosamente me recuso a usar um GPS. É uma ferramenta que tem lá sua utilidade, mas não substitui um mapa e um bom senso de direção. Os mapas nos oferecem uma visão geral, permitindo que vejamos bem além da próxima saída. E até o próprio ato de usar um mapa nos ajuda a obter uma noção de onde estamos. Quando, porém, dependemos de um GPS, ficamos inteiramente à mercê de uma voz desencarnada chamada Estela que nos diz, com um sotaque fajuto, que, porque erramos aquela última curva, ela terá de passar os próximos minutos “recalculando”, enquanto ficamos rodando sem rumo pela estrada. Já um mapa não apenas nos diz aonde ir, mas também onde estamos.

A SÃ DOUTRINA É O MAPA DE DEUS PARA A VIDA CRISTÃ

Ora, o ponto que quero deixar claro é o seguinte: Deus nos deu um mapa chamado sã doutrina para vivermos a vida cristã.

Em última instância, a própria Bíblia é nosso mapa — e lâmpada para os nossos pés e luz para os nossos caminhos (Sl 119.105). A sã doutrina, porém, simplesmente resume a mensagem da Bíblia; ela sintetiza o que as Escrituras têm a dizer sobre qualquer tópico, seja um tópico extraído da Bíblia, seja da vida no mundo. É como o que alguns professores de português ensinam sobre novas palavras que passam a integrar nosso vocabulário: você não sabe o que uma palavra significa se não for capaz de defini-la com suas próprias palavras. Não se pode definir uma palavra com a mesma palavra. Com a doutrina é a mesma coisa: expressamos com nossas próprias palavras o ensino bíblico sobre determinado tópico. E uma doutrina será sã, sadia, sempre que nossas próprias palavras resumirem o conteúdo bíblico de forma correta ou fiel. É como tirar um 10 em uma prova de vocabulário: tiramos um 10 sempre que nossas palavras reproduzem o sentido das palavras da prova de forma correta e consistente.

Assim, como exatamente poderíamos definir a “sã doutrina”? Eis uma definição que funciona: *a sã doutrina é um resumo dos ensinamentos bíblicos que são tanto fiéis à Bíblia quanto úteis à vida*. A doutrina não deve consistir na imposição de nossas ideias sobre a Bíblia; na verdade, não deve ser nem mais, nem menos do que um resumo dos ensinamentos bíblicos acerca de um tópico. Ela apresenta os ensinamentos das Escrituras como uma unidade coerente, embora complexa — razão pela qual eu a chamo de mapa: a doutrina relaciona o todo às partes e as partes ao todo.

Como qualquer bom mapa, portanto, a sã doutrina serve a um propósito muito útil e prático: ela é para a vida. Instruções servem para guiar ações. Atentamos para os ensinamentos da Palavra de Deus com o propósito de viver de acordo com ela. A sã doutrina não é um arquivo de informações que serve apenas para apresentar fatos. É, na verdade, um mapa para nossa peregrinação neste mundo até o mundo vindouro.

Médicos precisam tomar decisões difíceis com pouco tempo para pensar e com muita coisa em risco. O que capacita um bom médico a tomar decisões

sábias é um vasto conhecimento do corpo humano. Não há como saber se um rim está falhando se não se sabe o que é um rim e como ele deveria funcionar. É por isso que os médicos passam longos anos estudando anatomia e fisiologia humana: para ser capazes de fazer diagnósticos precisos e prescrever os remédios corretos — muitas vezes resultando na salvação de vidas.

Em alguns aspectos, a vida cristã não é tão diferente disso. Precisamos tomar decisões difíceis sem muito tempo para pensar; às vezes, com muita coisa em jogo. E, como na prática da medicina, não há uma fórmula fácil para essas decisões, de modo que precisamos de sabedoria. A base da sabedoria, tal qual a que fundamenta a decisão de um médico, está assentada sobre um alicerce de conhecimento — o conhecimento das coisas que Deus revelou em sua Palavra. Nas Escrituras, Deus nos fala acerca de quem ele é, quem somos, de onde viemos, o que há de errado com este mundo, como Deus irá consertá-lo e muito mais. Se nossa intenção é ter uma vida que agrade a Deus, essas são as questões que mais precisamos conhecer.

As Escrituras não abrangem tudo, pois há muitas coisas verdadeiras que elas *não* dizem. As Escrituras são, contudo, suficientes. Em sua Palavra, Deus nos diz tudo o que precisamos saber para ser salvos e ter uma vida agradável a ele (2Pe 1.3). As Escrituras não nos dizem como fazer uma cirurgia cardíaca, mas expõem os desejos e os enganos do coração humano (Hb 4.12,13). As Escrituras não nos dizem como ir de Londres a Tóquio, mas instruem sobre como caminhar com sabedoria nos caminhos do Senhor e evitar as armadilhas do Diabo (Cl 4.5; 2Tm 2.26).

As próprias Escrituras ensinam que a *sã* doutrina existe para a vida. Em Tito 2.1, Paulo orienta seu colaborador: “Tu, porém, ensina o que está de acordo com a *sã* doutrina”. Depois, nos nove versículos seguintes, ele mostra como diferentes grupos de pessoas na igreja devem viver e se relacionar entre si:

- Os mais velhos devem ser equilibrados, respeitáveis, sóbrios, sadios na fé (v. 2).
- As mulheres mais velhas devem ser reverentes, não caluniadoras nem dadas a muito vinho e devem ensinar as mais novas a ser mães e esposas fiéis (v. 3-5).
- Os rapazes jovens devem ter autocontrole (v. 6).
- Servos e escravos devem ser submissos aos seus mestres e íntegros em seu trabalho, “para que em tudo mostrem a beleza da doutrina de Deus, nosso Salvador” (v. 9,10).

Observe que Paulo, no versículo 1, não manda que Tito ensine a “sã doutrina”, apesar de insistir nisso no restante da carta (Tt 1.11; 2.7,8). Em vez disso, ele o orienta a ensinar o que está “de acordo” com a sã doutrina, ou seja, o que se encaixa nela e dela pode ser extraído. Tito deve ensinar a igreja em Creta a seguir o caminho traçado pela sã doutrina; os cretenses deveriam colorir o desenho oferecido pela sã doutrina.

De modo semelhante, Paulo escreve em 1Timóteo 1.3-5:

Como te exortei quando estava indo para a Macedônia, permanece em Éfeso para admoestar alguns a que não ensinem nenhuma doutrina diferente, nem se dediquem a mitos e a genealogias intermináveis, que promovem especulações em vez de servir ao propósito de Deus, que se baseia na fé. O objetivo desta orientação é o amor que procede de um coração puro, de uma boa consciência e de uma fé sincera.

Paulo deixou Timóteo em Éfeso para que ele refutasse aqueles que pregavam falsas doutrinas (v. 3). Essas falsas doutrinas promoviam discussões e não o propósito de Deus, que consiste em uma vida justa e tem como fundamento a fé (v. 4). Com que propósito Paulo deu essa tarefa a Timóteo? Para que os cristãos de Éfeso vivessem o amor que procede de um coração puro, de uma boa consciência e de uma fé sincera (v. 5). A doutrina sã leva a uma fé sã, a um coração sã e a uma consciência sã. Tudo isso forma a fonte de onde provém toda uma vida agradável a Deus. O objetivo da sã doutrina é uma vida sadia. Como um cristão declarou há mais de quatrocentos anos: “Teologia é a ciência de viver em eterna bem-aventurança”.¹

A sã doutrina é um mapa de Deus para uma vida fiel neste mundo. Ela não apenas nos diz onde estamos, mas quem somos, quem Deus é e como ele nos salvou do pecado e nos capacitou a viver uma vida agradável a ele. A sã doutrina é uma ferramenta essencial para navegarmos pelas ruas tortuosas da nossa vida. Por isso, não saia de casa sem ela.

A SÃ DOUTRINA EXISTE PARA A VIDA — A VIDA NA IGREJA

Durante minha infânciam, joguei basquete, beisebol e futebol por muitos anos. Eu até que gostava desses esportes, mas não era muito bom em nenhum deles. Meu esporte favorito, se é que pode ser chamado de esporte, não é segredo para ninguém: o surfe.

Surfar é algo muito divertido de fazer na companhia de outras pessoas, principalmente amigos e família, mas o ato em si é essencialmente individual. Uma pessoa senta sobre uma prancha, rema até uma onda, fica em pé e surfa até a margem. Depois volta e repete toda a sequência até os braços não aguentarem mais. Ver os outros pegarem boas ondas ou — ainda mais caro ao coração da maior parte dos surfistas — ter a audiência de outras pessoas certamente torna a experiência ainda melhor, mas isso não faz do surfe um esporte de equipe.

Esportes como basquete ou futebol, por sua vez, são inerentemente coletivos. Pode chover dinheiro e bajulação em um armador de quem todos gostam ou em um zagueiro muito famoso, mas ele não pode jogar sozinho. Não existe equipe de um homem só.

Falo sobre isso porque acredito que a maioria dos cristãos nos Estados Unidos trata seu cristianismo mais como surfe do que como futebol. Entendemos nossa caminhada com o Senhor como algo essencialmente individual. Eu oro. Leio a Bíblia. Frequento os cultos para ter experiências com Deus e crescer no conhecimento das Escrituras. Amo o meu próximo. Falo do evangelho para os outros. É claro que ir à igreja e ter amigos cristãos ajuda. Porém, o que estrutura nossas prioridades, o que define a forma de nosso discipulado, o que nos serve de crivo para a tomada de decisões é, na maior parte das vezes, somente eu e Jesus.

Contudo, as Escrituras ensinam que cristianismo funciona mais como um esporte em equipe. É claro que cada um de nós deve abandonar o pecado e confiar em Cristo para ser salvo (Rm 10.9,10). Cada um de nós prestará contas a Deus (Rm 14.10). Cada um de nós é responsável pelo que faz (Gl 6.5). Ainda assim, ao contrário do surfe, a natureza da vida cristã é coletiva.

- Tornar-se cristão é ser acrescentado à igreja (At 2.41).

- Ser batizado é ser batizado no corpo de Cristo (1Co 12.13).
- Ter fé em Cristo é aproximar-se, não apenas de Deus, mas também do povo de Deus (Ef 2.17-22).
- Dirigir-se a Deus e obedecer-lhe como Pai é ter cristãos como irmãos e irmãs (Mt 12.46-50).

E o crescimento cristão é sistematicamente definido em termos coletivos. Quantos aspectos do fruto do Espírito (Gl 5.22,23) você pode praticar isolado em uma ilha deserta?

Veja como Paulo descreve o crescimento cristão em Efésios 4.11-16. Cristo concede dons de liderança à sua igreja com o fim de equipar os santos para trabalharem no ministério (v. 11,12), “até que todos cheguemos à unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus, ao estado de homem maduro” (v. 13). Falamos a verdade em amor uns aos outros (v. 15) para crescermos em Cristo, “em quem todo o corpo, unido e ligado por todas as juntas com as quais está equipado, com cada parte funcionando corretamente, promove seu crescimento para edificar a si mesmo em amor” (v. 16).

Percebe quão intimamente Paulo entrelaça o crescimento individual do cristão ao crescimento da igreja? A principal forma de amadurecermos como cristãos é por meio da vida na igreja. Os membros ajudam o corpo a crescer, o que significa que ajudam “um ao outro” a crescer. Somos edificados à medida que edificamos os outros. O crescimento cristão é um esforço em equipe. Nós, cristãos, contudo, somos muito mais que uma equipe, somos membros de um mesmo corpo.

Outra passagem que revela a vida da igreja como um corpo é 1Coríntios 12.

- Como membros do mesmo corpo, não podemos nos separar desse corpo, como se ele não precisasse de nós: “Se o pé disser: ‘Porque eu não sou mão, não pertencço ao corpo’, nem por isso deixará de fazer parte do corpo” (v. 15).
- Como membros do mesmo corpo, não podemos viver de forma autônoma e independente dos demais membros: “O olho não pode dizer à mão: Não tenho necessidade de ti” (v. 21).
- Como membros do mesmo corpo, precisamos cuidar de todos os outros membros: “Mas Deus formou o corpo de maneira a dar maior honra à parte que tinha falta dela, para que não haja divisão no corpo, mas para que os membros cuidem igualmente uns dos outros” (v. 24,25).
- Como membros do mesmo corpo, nossas vidas estão intimamente entrelaçadas. Alegremo-nos com os que se alegram e choramos com os que choram: “Se um

membro sofre, todos sofrem juntos; e, se um membro é honrado, todos juntos se alegram” (v. 26).

Apesar de a metáfora do corpo também se aplicar à igreja universal, o que Paulo tem em mente aqui é a participação dos cristãos em uma congregação local específica. É lá que sofremos ou nos alegramos juntos, honramos uns aos outros e interagimos com membros radicalmente diferentes de nós. É lá que demonstramos a sabedoria de Deus em formar o corpo não apenas com um só membro, mas com muitos (1Co 12.14).

Como membro do corpo de Cristo, sua vida na igreja local deve estruturar suas prioridades, definir a forma de seu discipulado e servir como um dos principais crivos pelos quais você toma qualquer decisão. Sua visão do que é viver como cristão no dia a dia deve ser, em grande parte, definida pela vida de sua igreja local.²

Isso significa que a vida piedosa que provém da sã doutrina não se resume meramente a uma questão individual. A sã doutrina, na verdade, diz respeito à vida na igreja.

Vemos isso claramente em Romanos 12, quando Paulo nos exorta “pelas misericórdias de Deus” a vivermos nova vida à luz do evangelho. Após onze capítulos expondo o evangelho e as doutrinas que o cercam (“as misericórdias de Deus”), Paulo nos mostra que o evangelho que ele prega tem implicações quase infinitas para a vida diária.

Quais seriam algumas delas? Em primeiro lugar, o evangelho e as doutrinas a ele relacionadas nos levam a dedicar a vida inteiramente a Deus e a sermos transformados pela renovação contínua de nossa mente (Rm 12.1,2). O evangelho nos chama para que nos amoldemos à mente, à vontade e aos caminhos de Deus, não aos do mundo. Logo em seguida, porém, Paulo nos manda que não pensemos de nós mais do que convém (v. 3), mas, em vez disso, usemos nossos dons na edificação do corpo (v. 4-8). O evangelho nos ensina a colocar os interesses dos outros à frente dos nossos e a usar os talentos que recebemos de Deus na edificação dos demais membros da igreja, sendo ambas as práticas impossíveis em uma bem-aventurada solitude. Depois, do versículo 9 ao 13, Paulo fala de forma mais clara sobre como devemos amar uns aos outros, honrar uns aos outros e atender às necessidades uns dos outros. Quando busca detalhar o que significa viver

segundo as misericórdias de Deus, o apóstolo imediatamente se volta para a vida no corpo de Cristo.

Como uma pessoa pode viver segundo as misericórdias de Deus? Amando e edificando o corpo de Cristo. A vida que a sã doutrina traça para você tem a mesma forma de sua igreja local.

A sã doutrina existe para a vida — a vida na igreja.

A SÃ DOUTRINA EXISTE PARA A VIDA — A VIDA DA IGREJA

Se a sã doutrina existe para a vida na igreja, existe também para a vida *da* igreja.

Pense na vida de uma família. A que tipo de coisas você usaria para descrevê-la? Eis o que você não faria: você não se limitaria a registrar o que cada membro da família faz sozinho ao longo do dia, para depois analisar suas observações de todos em geral. Em vez disso, você observaria o que a família faz em conjunto. Eles comem juntos? Sobre o que conversam? Quem está no comando? Em que momento eles passam tempo juntos? O que fazem? Quais são as regras, as tradições, os costumes e as práticas que demonstram como vivem juntos?

A vida de uma igreja é semelhante: o que uma igreja faz unida define a vida dessa igreja. E a maneira de uma igreja ensinar, adorar, orar e assim por diante tem um impacto profundo sobre cada um de seus membros — tal qual a cultura de uma família, que marca de forma indelével cada familiar.

A vida da igreja é demonstrada de forma mais completa nas reuniões de culto coletivo, mas também é interessante pensar sobre as outras ocasiões em que os membros da igreja se reúnem. Os membros de uma igreja se encontram fora da reunião semanal principal em atividades como grupos de estudo, evangelização, aconselhamento e refeições na casa uns dos outros.

Um dos principais argumentos que pretendo expor ao longo deste livro é o seguinte: assim como a sã doutrina é crucial para a vida, e especificamente a vida na igreja, ela é também essencial para a vida *da* igreja. Como um bom mapa, acima de tudo ela é útil; portanto, as igrejas devem utilizá-la.

Assim, do capítulo 3 ao 6, veremos como a sã doutrina deve fluir em toda a vida da igreja, promovendo santidade, amor, união, adoração e testemunho. Antes de mais nada, porém, examinaremos a fonte em si: como a sã doutrina impacta a leitura e o ensino da Bíblia?

¹William Perkins, “The golden chain” (1592), in: Ian Breward, org., *The work of William Perkins* (Appleford: Sutton Courtenay Press, 1990), p. 177.

²Se você deseja pensar um pouco mais sobre por que é tão importante que o cristão seja membro de uma igreja local, consulte o livro de Jonathan Leeman, *Church membership: how the world knows who represents Jesus* (Wheaton: Crossway, 2012) [edição em português: *Membresia na igreja* (São Paulo: Vida Nova, 2016)].

A SÃ DOUTRINA EXISTE PARA A LEITURA E O ENSINO DA BÍBLIA

“Você precisa ir ao show desta noite. O maior saxofonista do mundo vai tocar!” — assim falou meu professor de saxofone sobre uma apresentação de Michael Brecker que aconteceria na Universidade Estadual da Califórnia, em Hayward.

Eu estava na sexta série e começara a tocar saxofone um ano antes. Em pouco tempo, meu amor pelo *jazz* foi crescendo mais e mais, à medida que escutava fitas e CDs antigos de meu pai de grandes nomes como John Coltrane, Thelonious Monk e Dexter Gordon, mas nunca tinha ido a um concerto de *jazz*. Seria minha primeira vez.

“O maior” é muitas vezes um título discutível para se referir a um artista, mas Brecker, não há dúvida, foi o maior e o mais virtuoso saxofonista de *jazz* de sua geração. (Em 2007, com apenas 57 anos de idade, ele morreu de leucemia.) Naquela noite, alternando entre a condução de uma *big band*, liderando um grupo menor e tocando solo, Michael Brecker me transportou para outro reino.

Enquanto ele tocava, seu saxofone vintage Selmer Mark VI não parecia um pedaço de metal inanimado, e sim a varinha mágica de um mago, capaz de invocar qualquer som que desejasse. Brecker podia evocar uma miríade de notas do nada e lançá-las no lugar certo mais rápido que qualquer ouvinte pudesse acompanhar. Ouvi-lo improvisar era como assistir a um Rembrandt se materializando em pleno ar: todo aquele sombreado perfeito de luzes e penumbras, todas as pinceladas delicadas e invisíveis surgindo conforme ele tocava, sem uma única nota fora de lugar. Seu desempenho com o instrumento, porém, não era apenas pirotecnia — sua música pulsava com uma emoção fluida e concentrada, enquanto ele se movimentava livremente entre risos e choros, lamentações e canções de ninar.

Parecia impossível fazer com um saxofone o que ele fazia, sobretudo porque ele o fazia conforme tocava. A única palavra para aquilo era “mágica”. Aliás, toda boa improvisação traz em si algo de mágico. É algo que parece simples, mas ainda assim é vertiginosamente complexo; é espontâneo em essência, mas o som de cada nota é imprescindível.

Nenhuma descrição meramente técnica pode captar a mágica de uma apresentação ao vivo de Michael Brecker ou de qualquer outro mestre do *jazz*, mas isso não significa que não haja um trabalho técnico se desenrolando nos bastidores. Pelo contrário, Michael Brecker, como praticamente todos os outros grandes nomes do *jazz*, era um praticante incansável. Ele adorava aproveitar os intervalos entre suas turnês, quando podia passar até oito horas por dia treinando sua técnica e frases no instrumento. Para tornar-se um grande improvisador do *jazz*, é preciso obter domínio sobre uma ampla gama de assuntos: as exigências técnicas e sonoras de seu instrumento, a lógica complexa da harmonia do *jazz*, centenas de acordes e escalas, inúmeros estilos e seus derivados híbridos, cadências harmônicas, clichês, inflexões, entonações e muito mais que, em conjunto, constituem o vocabulário do *jazz* — e a lista continua.

Há mais mágica do que trabalho árduo por trás de tudo, mas, sem esse último, a mágica não acontece.

A “MÁGICA” DE UM CRISTÃO MADURO E O TRABALHO DOS BASTIDORES

Há algo de igualmente mágico na vida de um cristão maduro. Embora longe de ser perfeita, a vida de um cristão maduro exige respeito e atenção, mesmo que isso também vá além de uma explicação técnica. Um cristão maduro pode suportar aflições com alegria, pode demover uma pessoa do pecado com algumas palavras bem colocadas, pode trazer harmonia onde prevalece o conflito.

No caso de um grande improvisador de *jazz*, há muito trabalho acontecendo nos bastidores. Entre outras coisas, um cristão maduro trabalha para dominar a Bíblia — ou melhor, para ser dominado por ela. Ele sabe compreendê-la. Sabe resumi-la e explicá-la com suas próprias palavras; isto é, ele conhece a sã doutrina. Lembra-se de como definimos a sã doutrina no capítulo anterior? Ela é um resumo dos ensinamentos bíblicos que é tanto fiel à Bíblia quanto útil à vida. O piedoso sabe fazer isso. Ainda que nem sonhe lecionar para uma classe cheia de estudantes de teologia sistemática, por meio da Bíblia, conhece o que Deus diz sobre si mesmo e sobre nós.

Não há nada de surpreendente nisso, pois as próprias Escrituras declaram sua utilidade em nos capacitar para toda boa obra (2Tm 3.16,17). E também nos ensinam que a transformação espiritual vem por meio da renovação de nossa mente (Rm 12.1,2), que é produzida conforme mergulhamos nas Escrituras.

Portanto, todo cristão tem um interesse pessoal em aprender a ler e a ensinar as Escrituras com sabedoria. Fazemos isso por meio do estudo pessoal, mas também — talvez mais fundamentalmente — por meio do ensino e da pregação pública da igreja. Este capítulo mostra como a sã doutrina nos ajuda a ler e a ensinar a Bíblia com sabedoria, tanto no âmbito pessoal quanto na vida comunitária da igreja.

SÃ DOUTRINA: OS PINOS E AS MURETAS PROTETORAS DA LEITURA BÍBLICA

Em última análise, o objetivo da leitura e do ensino das Escrituras é amar mais a Deus e ao próximo. E a maneira de amar mais a Deus é conhecendo-o cada vez mais. É verdade que uma pessoa pode aprender fatos teológicos sobre Deus sem amá-lo, mas, ao mesmo tempo, não é possível amar a Deus sem conhecê-lo. E, para conhecê-lo, é preciso saber coisas *sobre* ele. Se você ama sua esposa, vai querer saber como ela é, o que ela ama ou odeia, seu passado, seus planos para o futuro e muito mais.¹ Do mesmo modo, nós, que professamos amar a Deus, devemos aprender tudo o que pudermos sobre ele.

É por isso que a sã doutrina é um objetivo importante da leitura bíblica. Ela resume e sintetiza o ensinamento bíblico em um todo coerente. A sã doutrina nos diz como Deus é, o que ele ama e odeia, o que ele fez no passado e quais são seus planos para o futuro. Permitir que seu conhecimento de Deus seja definido por uma ou duas passagens isoladas equivaleria a aceitar que uma ou duas conversas isoladas determinassem tudo o que você sabe sobre sua esposa.

A sã doutrina também funciona como uma mureta protetora para a leitura bíblica. Ela nos impede de fazer deduções equivocadas sobre Deus a partir das Escrituras. Para interpretar corretamente a Bíblia, precisamos levar em consideração o que já sabemos sobre Deus com base nas próprias Escrituras — ou seja, a sã doutrina.

Estabelecendo uma analogia com o boliche, a sã doutrina é tanto os pinos que miramos em nossa leitura da Bíblia quanto a mureta protetora que nos impede de cair na canaleta do erro.² Ela nos ajuda a colocar nossa leitura da Bíblia na direção correta e a nos manter nessa direção. A sã doutrina existe, portanto, para a leitura e o ensino da Bíblia.

O QUE É A BÍBLIA? UMA HISTÓRIA QUE PREGA UMA MENSAGEM

Para esmiuçar detalhadamente o impacto da sã doutrina sobre a leitura e o ensino da Bíblia, examinemos em primeiro lugar o significado da Bíblia.

Seria a Bíblia um livro mágico que podemos abrir aleatoriamente para uma orientação espiritual em dado momento? (Alguém quer jogar Roleta Bíblica?) Trata-se de um catálogo de cartões com mensagens bonitas que nos trazem inspiração para qualquer ocasião da vida? Um conjunto de prescrições para autoaprimoramento moral? Uma antologia de mitos inspiradores?

(1) *A Bíblia é revelação.* Deus se revela para nós em sua Palavra. Cada palavra das Escrituras foi inspirada por ele (2Tm 3.16). Os autores das Escrituras vinham de diferentes culturas e tinham personalidades distintas, escreviam gêneros variados e em épocas distantes umas das outras, mas, apesar disso, todos traziam consigo o Espírito Santo, de modo que “falavam da parte de Deus” (2Pe 1.21). Todos eles escreveram as palavras do próprio Deus.

(2) *A Bíblia é uma história que prega uma mensagem.* Do início ao fim, a Bíblia conta uma única história de salvação. Desde a Criação, até a derradeira restauração do governo de Deus sobre toda a criação, passando por nossa queda no pecado, e pela obra salvífica de Jesus na cruz a Bíblia traz uma única narrativa épica que se estende de Gênesis a Apocalipse. Ela conta a respeito de como Deus vem desenvolvendo a salvação de seu povo por meio de seu Filho Jesus.

Contudo, ela não é meramente uma história qualquer, e sim uma história que realmente aconteceu. E é uma história da qual fazemos parte. Nós, cristãos, podemos localizar nossa vida na linha do tempo do relato bíblico: vivemos após a morte, a ressurreição e a ascensão de Jesus aos céus e após o derramamento do Espírito Santo, todavia antes do retorno final de Jesus. A história da Bíblia explica de onde viemos, onde estamos, quem somos e para onde estamos indo.

Veja como a sã doutrina surge dessa história e é parte integrante dela:

- Com a Criação, aprendemos que Deus é poderoso, santo, sábio e bom (Sl 104).

- Com a Queda, aprendemos que Deus é perfeitamente justo e que sua ira se acende contra o pecado, ainda que ele também seja misericordioso e paciente com os pecadores, o que inclui todos nós (Gn 3).
- Na vida de Jesus, vemos com perfeição o caráter santo e misericordioso de Deus (Jo 1.18; 14.9).
- Na morte de Jesus, vemos a justiça e o amor de Deus trabalhando juntos para realizar a salvação (Rm 3.21-26; 5.6-11).
- Na ressurreição de Jesus, vemos a vitória sobre a morte que Deus promete a todo o seu povo (2Co 4.14).
- Na promessa de Jesus voltar e restaurar o governo de Deus sobre toda a criação, vemos a fidelidade de Deus e sua generosidade abundante para com seu povo, além de outras bênçãos (Ap 22.12).

Em outras palavras, a Bíblia é uma história que prega uma mensagem. Lançando mão da expressão de Michael Horton, ela é um drama que dá origem a dogmas. É uma narrativa repleta de ensinamentos. A sã doutrina surge da grande história bíblica da salvação.³

(3) *A Bíblia é um instrumento nas mãos de Deus para levar a cabo sua obra redentora.* Quando lemos as Escrituras, somos confrontados pela voz do Deus vivo (Hb 4.12,13). E a Palavra de Deus é invencivelmente poderosa, ela jamais falha em alcançar seus propósitos (Is 55.10,11). Esses propósitos incluem a salvação dos pecadores e a santificação daqueles que estão em Cristo (1Pe 1.23-25; Jo 17.17; 1Ts 2.13). Por isso, ao nos debruçarmos sobre as Escrituras, devemos estar preparados para ser transformados por elas. Devemos esperar que elas nos levem mais adiante em nossa peregrinação. Devemos estar prontos para ser moldados de forma mais plena à imagem de Cristo.

Como a Bíblia é uma história que prega uma mensagem, é preciso estar atento tanto à história quanto à mensagem — embora nunca devamos traçar uma linha tão rígida que separe as duas coisas. Vejamos um aspecto de cada vez.

COMO LER A BÍBLIA COMO UMA ÚNICA HISTÓRIA

As Escrituras de fato contam uma única história do começo ao fim, mas estruturar essa história não é tão simples quanto ler na sequência de Gênesis a Apocalipse (basta perguntar a alguém que tenha tentado isso e desistiu quando chegou em Levítico). Portanto, é importante desenvolver a habilidade de discernir como cada passagem das Escrituras se encaixa na história maior.

Eis alguns passos que devem ajudá-lo a alcançar tal objetivo:

(1) *Leia todo o Antigo Testamento.* Se conseguir, leia livros inteiros em um curto espaço de tempo, de uma só vez, se possível. Isso o ajudará a manter em mente o quadro geral. Aprenda toda a história de Israel, dos patriarcas à volta do Exílio. Durante sua leitura, preste especial atenção às alianças que Deus firmou com Noé (Gn 8.20—9.17), Abraão (Gn 12.1-3; 15.1-21), a nação de Israel (Êx 19—24), Davi (2Sm 7.1-17), e, em especial, à nova aliança que Deus prometeu por meio de Jeremias (Jr 31.31-34). Cada aliança acrescenta algo à revelação dos propósitos de Deus na Criação e na redenção.

(2) *Leia e releia os quatro Evangelhos.* Cada um deles apresenta um valioso retrato teológico de Jesus como o cumprimento de todas as promessas de Deus no Antigo Testamento. Por isso, preste atenção às conexões que os autores dos Evangelhos fazem entre Jesus e o Antigo Testamento. Além disso, observe como os Evangelhos dão continuidade à história do Antigo Testamento acerca dos atos salvíficos de Deus, revelando o eixo de toda a história: a vida, a morte e a ressurreição de Jesus.

(3) *Preste atenção especial sempre que um autor do Novo Testamento citar ou fizer alusão a uma passagem do Antigo.* O próprio Senhor Jesus ensinou aos apóstolos como interpretar corretamente o Antigo Testamento — ou seja, à luz de sua morte e ressurreição (Lc 24.27,44-47). Assim, deixe que os apóstolos sejam seus guias na interdependência entre os dois testamentos.

(4) *Estude cuidadosamente os trechos em que os próprios autores bíblicos concatenam partes da história maior das Escrituras.* O discurso de Estêvão em Atos 7 é um desses trechos. O sermão de Paulo em Atos 13.16-41 é outro, no qual ele revela como a vida, a morte e a ressurreição de Jesus foram o cumprimento “do que Deus prometeu aos pais” (v. 32). Em Gálatas 3 e 4,

Paulo explica como o evangelho tanto cumpre as promessas de Deus a Abraão quanto conclui a era da lei de Moisés. Em Hebreus, em especial nos capítulos 8—10, o autor explica como a morte de Jesus cumpre perfeitamente e de uma vez por todas o sistema sacrificial do Antigo Testamento. O resultado é que agora, por meio da morte de Cristo, aqueles que creem têm o perdão dos pecados, um novo coração e livre acesso a Deus — encerrando definitivamente o antigo sistema. Passagens como essas antes de mais nada nos ajudam a compreender o sentido do Antigo Testamento. Elas também nos mostram como a obra de Cristo cumpre, conclui e às vezes até encerra o que veio antes na história da salvação.

O objetivo de tudo isso é compreender a história única e unificada que perpassa toda a Bíblia. Algumas vezes os teólogos chamam esse tipo de leitura de “teologia bíblica”, uma teologia que investiga o desenvolvimento da revelação progressiva de Deus nas Escrituras.⁴

É importante aprender a ler a Bíblia dessa maneira, para que ela seja corretamente interpretada e aplicada em nossa vida. Compreender onde uma passagem específica se encaixa na história maior nos ajuda muito a contextualizá-la na história em que estamos inseridos. Eis alguns exemplos:

- Como cristãos, os regulamentos de pureza de Levítico não são obrigatórios para nós, pois Cristo os cumpriu e aboliu. Ainda assim, tais regulamentos revelam a santidade de Deus para nós, juntamente com sua exigência de que sejamos santos (Lv 19.2).
- A conquista de Canã liderada por Josué não é um modelo de política externa, nem exemplo de barbárie na antiguidade. Na verdade, foi um ato de juízo divino. Nesse caso específico, o juízo final de Deus sobre o pecado foi antecipado para o presente (Gn 15.16).

Visualizar toda a Bíblia como uma só história é usar uma das mais importantes lentes para lê-la da forma correta além de fornecer algumas das maiores recompensas. Ela nos permite atingir o ápice da revelação dos atos de salvação de Deus e vislumbrar a epopeia que se estende diante de nós da eternidade passada à eternidade futura.

COMO LER A BÍBLIA POR SUA MENSAGEM

A Bíblia, contudo, não é apenas uma história, mas uma história que prega uma mensagem. Essa mensagem são as boas-novas de que Jesus morreu na cruz e ressuscitou para satisfazer a ira de Deus e trazer salvação a todos aqueles que colocando sua confiança nele, abandonaram o pecado. Porém, tal qual uma árvore antiga que espalha suas raízes em todas as direções, a mensagem básica do evangelho também está vinculada a praticamente todos os demais tópicos abordados pela Bíblia.

O caráter de Deus é importante, por exemplo, para nosso modo de viver. Quando a vida parece fora de controle, faz diferença saber que Deus é absolutamente soberano (Ef 1.11; Rm 8.28; Am 3.6). Quando atravessamos uma provação dolorosa, é importante saber que Deus é bom (Sl 106.1). Quando sentimos o peso do pecado, faz diferença saber que Deus é misericordioso e compassivo, tardio em irar-se, cheio de bondade e fidelidade e que promete perdoar nossos pecados (Êx 34.6; 1Jo 1.9). Cada faceta do ensinamento bíblico é relevante para a maneira como vivemos, quer tal ensinamento seja sobre o caráter de Deus, os atos de Deus, a natureza da humanidade, o mundo em que vivemos, o plano de Deus para o futuro ou qualquer outra coisa.

Então, como ler a Bíblia considerando sua mensagem?

(1) *Comece com a convicção de que as Escrituras são a Palavra de Deus.* Elas são a revelação do próprio Deus. Portanto, as Escrituras são nossa única e suprema autoridade acerca do que declaram. Como Deus é totalmente honesto (Tt 1.2), tudo o que ele diz é verdadeiro e digno de confiança (Sl 12.6). Sendo as Escrituras uma revelação da mente de Deus, seus ensinamentos são coerentes — ou seja, formam um todo coeso. Isso significa que, corretamente interpretada, a Bíblia jamais se contradiz e de forma alguma nos induz a erro. Por ser a Palavra de Deus, ela possui uma mensagem coerente, e essa mensagem tem autoridade em nossa vida.

(2) *Leia e releia toda a história, discernindo com cuidado o significado que advém da mensagem em si.* Assim como é preciso ler um livro até o fim para chegar a uma opinião definitiva, você também deve estar sempre envolvido na leitura das Escrituras para aprender mais sobre o que Deus

revelou a respeito de si mesmo. E, quanto melhor você compreender a Bíblia, melhor captará a mensagem que ela anuncia.

(3) *Deixe que as Escrituras interpretem as Escrituras.* As Escrituras não se contradizem, então permita que as passagens mais claras sirvam de auxílio na interpretação das menos claras. Quando algo confuso surgir, busque outras passagens bíblicas que tratem do mesmo assunto e veja se o todo não começa a fazer sentido.

(4) *Conforme você cresce no conhecimento de Deus por meio das Escrituras, esse conhecimento é incorporado à lente pela qual você continua lendo as Escrituras.* Isso faz parte do processo contínuo pelo qual você progride em uma leitura cada vez mais profunda, rica e precisa da Bíblia. Por exemplo: as Escrituras declaram, sem nenhuma sombra de dúvida, que Jesus Cristo é inteiramente Deus e inteiramente homem (Jo 1.1, 14); logo, ao deparar com uma passagem que ponha isso em dúvida, interprete essa passagem à luz da doutrina da qual você já está convicto.

(5) *Sempre estabeleça conexões entre as partes e o todo.* As Escrituras não nos revelam doutrinas isoladas; elas revelam o próprio caráter de Deus. Por isso, preste atenção na forma que os atributos de Deus se encaixam; seu amor e sua justiça, sua misericórdia e sua santidade não são aspectos contraditórios, mas, sim, operam juntos em harmonia.

Como as Escrituras representam fielmente a mente de Deus, seu ensino pode ser reunido em um todo coerente. Podemos resumir o que as Escrituras na sua totalidade dizem a respeito de suas questões centrais — como, por exemplo, o caráter de Deus, o estado da criação, a natureza caída do homem, a obra salvífica de Cristo, a vida da igreja e a promessa do mundo vindouro. A abordagem desses tópicos em uma progressão ordenada chama-se “teologia sistemática”.

Embora não haja uma correspondência direta para cada item, o que denominamos “sã doutrina” neste livro tem muito que ver com a teologia sistemática e com a teologia bíblica. Ela incorpora tanto uma quanto a outra, com mais ênfase na primeira, visto que a teologia sistemática é um modo de ler a Bíblia que resume e sintetiza os ensinamentos das Escrituras e os relaciona com a nossa vida.⁵

(6) *Observe como as Escrituras tratam de quaisquer questões que você estiver enfrentando na vida, como casamento, dinheiro, trabalho ou amizade.*

Quando lemos as Escrituras com atenção e mantemos a história toda em mente, podemos sintetizar seus ensinamentos e aplicá-los em situações que ultrapassam o que os autores bíblicos experimentaram ou imaginaram. É claro que nenhum desses tópicos é o ponto principal da Bíblia, mas as Escrituras abordam de forma coerente e poderosa, ainda que às vezes indiretamente, a vida por inteiro. “O que isso significa para mim?” não é a primeira pergunta que devemos fazer ao abrir a Bíblia, mas é uma questão à qual sempre devemos chegar. A teologia sistemática nos ajuda a reunir os ensinamentos bíblicos em um todo coeso, o que é outro passo crucial para a aplicação da Bíblia em nossa vida. Entender como cada passagem se encaixa nas demais doutrinas bíblicas é importante para aplicarmos corretamente a Bíblia em nossa vida diária.

As Escrituras são uma história que prega uma mensagem. E o objetivo da leitura e do ensino das Escrituras é conformar-se à imagem de Cristo. Entender a história como um todo coeso e compreender corretamente a mensagem são componentes-chave dos mecanismos por trás de uma vida cristã piedosa.

BENEFÍCIOS DE UMA VISÃO GLOBAL DA SÃ DOCTRINA

Com isso em mente, pensemos um pouco mais sobre os benefícios da sã doutrina para a leitura e o ensino da Bíblia.

O primeiro benefício de uma visão global da sã doutrina é que, ao nos fornecer o panorama inteiro, ela nos ajuda a compreender todos os detalhes das Escrituras. Imagine uma pequena área geográfica, com poucos quilômetros quadrados, a qual possui uma concentração incomum de animais de grande porte, predadores e vorazes. Essa região com população tão incomum fica muito próxima do coração de um centro metropolitano. E não é só isso, os moradores permitem que seus filhos andem livremente dentro dessa área, o que é até considerado uma forma de diversão!

Ora, se eu lhe tivesse dito que essa “pequena área geográfica” é o zoológico da cidade (se você imaginou “um zoológico”, matou a charada), todos os demais detalhes de repente fariam sentido, e você conseguiria ver cada um deles sob uma ótica diferente.

O fato é que ter uma visão global logo de saída nos ajuda a enxergar os detalhes e onde eles se encaixam. Isso nos ajuda a compreender o que, de outra forma, permaneceria obscuro. A sã doutrina nos dá a visão global: uma perspectiva ampla de quem Deus é, de quem nós somos e de como Deus está trabalhando a salvação daqueles que confiam em Cristo.

Outro benefício da visão global da sã doutrina reside no fato de que ela funciona como um detector de minas. Uma dieta balanceada de sã doutrina pode expor e desarmar nossos pensamentos e nossas posturas antibíblicas que, de outra forma, continuariam ocultos. Por causa do pecado, todos temos ideias erradas a respeito de Deus; algumas vezes, um conceito equivocado pode permanecer intocado por anos, ou até décadas. Contudo, um ensino que apresenta “todo o propósito de Deus” (At 20.27) revelado nas Escrituras nos prepara para lidar com esses equívocos. Ele nos pega pela mão e aponta as passagens bíblicas que derrubam convicções arraigadas que aprendemos não nas Escrituras, mas em nossa cultura. A sã doutrina expõe as formas pelas quais tentamos moldar Deus à nossa imagem, em vez de atentarmos à sua graciosa revelação sobre como as coisas realmente são.

De modo semelhante, a sã doutrina ajuda a revelar nossos pontos cegos e a

corrigir nossos desequilíbrios. Seja por causa da cultura, da formação, da tradição denominacional ou de outros fatores, somos propensos a enfatizar certos aspectos dos ensinamentos bíblicos a ponto de negligenciar ou até negar outros. O lastro da doutrina bíblica ajuda a colocar o navio no prumo. Ela permite que compreendamos o ensino da Bíblia de forma integral e equilibrada, em vez de simplesmente nos apegarmos às partes das quais mais gostamos. Além disso, uma visão completa da sã doutrina nos torna sensíveis aos aspectos que tendemos a deixar de lado ou simplesmente não percebemos durante o estudo das Escrituras. Ela ajuda a corrigir nossa visão, para que possamos realmente enxergar o que Deus revelou sobre si mesmo em sua Palavra.

Além disso, a sã doutrina também nos ajuda a mapear a Bíblia em nossa vida. Ela nos lembra que a história da salvação de Deus é a história que estamos efetivamente vivenciando e nos dá uma visão clara para enxergar o mundo como ele realmente é — ou seja, como Deus diz que ele é. Portanto, a sã doutrina nos ajuda a aplicar a Bíblia na prática. É muito comum colocarmos “religião” e “mundo real” em compartimentos separados. Lacramos a Bíblia e a deixamos de fora de nossa vida cotidiana, como se, de alguma forma, ela só se aplicasse às coisas que fazemos durante uma hora no domingo pela manhã. A sã doutrina, contudo, nos confere uma forma coerente e abrangente de ver o mundo. Quando entendemos isso, a Bíblia deixa de ser apenas um livro de sabedoria voltado para necessidades religiosas e passa a ser as lentes por meio das quais damos sentido a tudo em nossa vida.

Por fim, a sã doutrina é uma proteção contra os falsos ensinamentos. Nem todo aquele que diz ser professor de Bíblia ensina de fato a Bíblia. Muitos pregadores desvirtuam miseravelmente a Palavra de Deus. As Escrituras alertam de forma clara que os falsos mestres sempre representarão uma ameaça à igreja (At 20.29-31; Ef 4.14). E a melhor maneira de reconhecer uma falsificação é conhecer o artigo genuíno como a palma de sua mão.

Lamentavelmente, os falsos mestres sempre conseguirão alguém que os ouça, porque eles dizem o que queremos ouvir (2Tm 4.3,4). O melhor antídoto contra o apetite por falsos ensinamentos é uma dieta constante de sã doutrina. A melhor forma de prevenir doenças doutrinárias é aplicar a medicina preventiva da teologia bíblica.

A SÃ DOUTRINA EXISTE PARA A LEITURA E PARA O ENSINO DA BÍBLIA NA IGREJA

De que modo, portanto, a sã doutrina deve influenciar a forma como a Bíblia é lida e ensinada na igreja? Apresento aqui quatro pontos principais, todos destinados a pastores — embora sejam o tipo de assunto que todo cristão precisa saber.

Em primeiro lugar, o principal objetivo da reunião semanal da igreja é edificar os crentes (1Co 14.12,14,26). Use, portanto, esse momento para instruir seu povo na sã doutrina. Pregações expositivas (pregações que destacam o ponto principal de um texto bíblico, colocam-no como o coração do sermão e o aplicam à vida da igreja) devem constituir a maior parte da dieta de pregações da congregação.⁶ Seus sermões, porém, não devem dar a impressão de que cada texto existe de forma isolada. Em vez disso, sem transformar cada sermão em um tratado doutrinário, a pregação deve, de algum modo, ajudar seu rebanho a relacionar o texto do sermão ao restante das Escrituras. Isso não significa que você precise mencionar diversas outras passagens bíblicas, mas, sim, que você pregue com a visão global em mente. Ademais, o restante do culto — louvor, oração e o que mais houver — deve ser permeado pela sã doutrina. Discorreremos mais sobre os outros elementos da adoração coletiva nos capítulos 3 e 6.

Segundo, trate o sermão da manhã de domingo como a refeição principal, o que de fato ele é, não como um mero aperitivo destinado a atrair as pessoas para outras coisas que a igreja venha a oferecer. Em outras palavras, não coloque sua igreja em uma dieta de pouca doutrina. A Bíblia é um livro substancial, e, para crescer, os cristãos precisam de muitas calorias de sã doutrina. Portanto, providencie sermões suficientemente ricos em doutrina a ponto de satisfazer o apetite de um cristão em crescimento.

Terceiro, se a sã doutrina existe para a vida, a teologia existe para ser aplicada. Alguns pregadores ensinam toneladas de teologia com pouca aplicação. Há, claro, formas piores de pregar, mas é fácil enxergar como isso pode levar os cristãos a ter uma boa quantidade de conhecimento teórico, sem muito conhecimento prático; ou abundância de precisão doutrinária, mas escassez de amor. Todavia, muito mais comum na pregação de hoje são

toneladas de aplicação com pouca ou nenhuma teologia. Em alguns aspectos, isso é muito pior. Se sua pregação é um monte de aplicações sem nenhuma teologia, você simplesmente não está pregando o evangelho. Por isso, fundamente sua aplicação no texto e na teologia extraída do texto. Mostre ao seu rebanho como os indicativos do evangelho levam diretamente aos imperativos da vida cristã. Em cada sermão, demonstre para eles a gloriosa verdade de que a vida cristã é uma resposta ao que Deus já fez por nós em Cristo.

Por fim, alimente sua igreja constantemente com uma dieta de doutrina nas aulas da escola dominical e em outros momentos de ensino. Aproveite oportunidades além do culto de domingo para aprofundar questões doutrinárias específicas de forma mais proveitosa do que é possível conduzir em um sermão.

Creemos como cristãos ao aplicar a verdade à vida. Portanto, desperte em seu rebanho a fome por uma boa teologia. Forneça-lhes uma dieta regular de teologia e aguarde pacientemente até que desenvolvam apetite.

A SÃ DOUTRINA EXISTE PARA QUE A TEOLOGIA SEJA TRABALHADA NA COMUNIDADE

Por último, como tudo isso pode ser incorporado no discipulado pessoal de cada cristão em Cristo?

Em primeiro lugar, compreenda que o ensino em sua igreja é o principal meio que Deus usa para aumentar seu conhecimento sobre ele. Isso não significa que o estudo pessoal seja irrelevante, mas, sim, que o ensino coletivo na igreja é mais importante.

Você pode estar lendo Jonas em seus momentos a sós e tirando grande proveito disso, pois a leitura individual da Bíblia é extremamente relevante e não pretendo de modo algum minimizar sua importância. Porém, se seu pastor estiver pregando o evangelho de Lucas, há dezenas ou até centenas de pessoas em sua igreja em contato com Lucas a cada semana; então, não perca essa oportunidade. Prepare-se para cada sermão meditando no texto com antecedência. Use os ensinamentos que você recebeu e compartilhou para alimentar suas conversas com os demais membros durante a semana. Trabalhe a teologia na comunidade explorando as repercussões teológicas e práticas do sermão com outros membros da igreja e, juntos, colocando-as em prática.

Não considere o sermão um evento isolado a cada semana. Em vez disso, veja-o como uma fonte que envia um fluxo de verdades bíblicas para a vida da igreja, o qual pode ser direcionado por meio de diversos canais que levem o alimento bíblico e doutrinário aonde ele é necessário — e parte desse trabalho de comunicação deve ser executado por cada membro da igreja.

A sã doutrina serve para a leitura e o ensino da Bíblia na igreja. Por isso, permita que o ensino em sua igreja conduza seu crescimento como teólogo e como cristão. Concentre seus esforços para o crescimento e para o discipulado dos outros e aplique-os no motor que move toda a igreja: o ensino e a pregação da Palavra.

O OBJETIVO DA SÃ DOCTRINA, A SABER, DA LEITURA E DO ENSINO ORIENTADOS: UMA IMPROVISAÇÃO HÁBIL

A sã doutrina nos ajuda a ler e ensinar a Bíblia com sabedoria. Quando aprendemos a mapear o enredo da salvação e trazer à tona a mensagem das Escrituras como um todo, obtemos um mecanismo essencial para progredir na vida cristã. Dominar a Bíblia é essencial ao crescimento cristão, e a sã doutrina é um ponto de partida, uma mureta protetora e o objetivo da leitura correta das Escrituras.

É evidente que o objetivo de tudo isso não se resume ao mero conhecimento, mas ao crescimento em santidade. O propósito de desenvolver nossa técnica como teólogos é sermos capazes de improvisar com habilidade na prática da vida concreta que constitui a vida cristã. Ao fazer teologia não buscamos acima de tudo fatos, mas comunhão com Deus e o fruto de vidas piedosas e igrejas saudáveis.

Em cada um dos capítulos restantes, exploraremos um dos frutos que a sã doutrina faz crescer na vida da igreja. O primeiro a ser abordado engloba, em certo sentido, todos os demais: a santidade.

¹Michael Horton, *The Christian faith: a systematic theology for pilgrims on the way* (Grand Rapids: Zondervan, 2011), p. 13.

²As pistas de boliche têm canaletas laterais onde a bola pode cair antes de acertar os pinos, as quais podem ser bloqueadas quando crianças ou iniciantes estão jogando. (N. do T.)

³Se você deseja se aprofundar nesse assunto, leia a argumentação de Michael Horton em *The Christian faith*, p. 19, 27-30.

⁴Para mais informações sobre teologia bíblica, leia Michael Lawrence, *Biblical theology in the life of the church: a guide for ministry* (Wheaton: Crossway, 2010).

⁵Se você procura por uma introdução devocional e de leitura fácil da teologia sistemática, consulte Wayne Grudem, *Systematic theology: an introduction to Christian doctrine*, 2. ed. (Grand Rapids: Zondervan, 2007) [edição em português: *Teologia sistemática* (São Paulo: Vida Nova, 2011)].

⁶Para uma explicação e uma defesa dessa ideia, leia o capítulo 5 de Jonathan Leeman, *Reverberation: how God's Word brings light, freedom, and action to his people* (Chicago: Moody, 2011).

A SÃ DOUTRINA EXISTE PARA A SANTIDADE

John MacArthur consegue ser um pregador empolgante. Não porque ele é um narrador entusiasmado ou porque nos conduz em uma montanha russa emocional; na verdade, seu estilo de pregação é simples, até um pouco monótono.

Na primeira vez em que o ouvi pregar, achei-o um pouco enfadonho. Era domingo de Páscoa; eu estava em meu primeiro ano na faculdade, e visitei a Grace Community Church, pastoreada por MacArthur. Ele pregava em 1Coríntios 15, a respeito de como sabemos que Jesus ressuscitou. Seu sermão era cheio de argumentos e buscava referências em diversas passagens bíblicas. Parecia não ter fim.

Olhando para trás, talvez aquele não tenha sido o sermão mais estimulante que ele já pregou, mas não foi por isso que o considerei enfadonho. O principal motivo era que eu não tinha um grande interesse por doutrina. Ao longo dos dois anos anteriores, meu conhecimento das Escrituras havia crescido, mas a maior parte do que MacArthur dizia ainda era desconhecido para mim.

Ainda assim, fiquei intrigado com o profundo conhecimento dele sobre a Bíblia e com a firmeza de suas convicções. Também fiquei impressionado com as pessoas que conheci em sua igreja. Elas pareciam conhecer bem a Bíblia e viver sua fé de modo mais consistente do que eu. Eu podia ver isso na forma como eles falavam, tratavam uns aos outros e se comprometiam com a igreja.

Eu tinha vindo para a Universidade do Sul da Califórnia, no centro de Los Angeles, estudar saxofone jazzístico (sim, você pode se formar nisso na faculdade, pelo menos na Califórnia). Já na primeira semana de aulas, conheci um baterista chamado Jon. Ele veio ao meu apartamento pegar

emprestado o CD *Page one*, do Joe Henderson (um ótimo álbum, por sinal). Quando ele viu a *Teologia sistemática* de Wayne Grudem na minha estante — presente que eu acabara de receber de um pastor que havia me discipulado antes de eu ir para a faculdade —, nos demos bem de imediato. Estávamos entre os poucos cristãos do nosso programa de graduação, então naturalmente passamos a andar juntos. E Jon era tão mais piedoso que acabou me discipulando sem nem ao menos fazer esforço. Bastava que ele fosse ele mesmo, e isso expunha meu pecado e me mostrava o que era fidelidade. Além disso, sempre estava me convidando também para ir à igreja dele.

Então, quando voltei para L.A. para cursar meu segundo ano na faculdade, já pensava seriamente em vincular minha vida à Grace Community Church, e o que aconteceu no primeiro domingo após meu retorno tornou inevitável a decisão de juntar-me a eles.

O HOMEM DE CARECA BRILHANTE COM UM BISTURI

Naquele último domingo de agosto, C. J. Mahaney, então pastor da igreja Covenant Life Church, em Maryland, assumiu o púlpito no lugar do pastor John. No culto da manhã, ele pregou sobre Tiago 4.1,2. Eu estava sentado no fundo da nave principal com capacidade para 3.500 pessoas, mas o sermão estava tão envolvente, que eu mal notava a distância de um campo de futebol que me separava do pregador nem as milhares de pessoas que estavam naquele local. Minha principal memória visual durante o sermão é a careca reluzente de C. J. sob as luzes dos refletores do púlpito, conforme ele se movia para frente e para trás. Mas foi o que ouvi que realmente importou.

Tiago 4.1,2 diz: “Qual a causa das brigas e discórdias entre vós? Não é porque as vossas paixões estão em guerra dentro de vós? Desejais e nada tendes, então matais. Cobiçais e nada alcançais, então brigais e fazeis guerras. Nada tendes, porque não pedis”. C. J. apenas percorria a passagem, ilustrando generosamente com exemplos negativos de sua própria vida o que Tiago ensinava. Seu esboço foi mais ou menos o seguinte:

- Conflitos de relacionamento são mais sérios do que você imagina.
- Conflitos de relacionamento são mais simples do que você imagina.
- Conflitos de relacionamento são piores do que você imagina.
- E solucionar conflitos de relacionamento é mais fácil do que você imagina.

O ponto principal da mensagem era o de que anseios geram conflitos. Conflitos ocorrem quando nossos desejos pecaminosos nos levam a usar os outros para obter o que queremos, em vez de servi-los em amor. A solução para isso é o evangelho de Jesus Cristo. Em vez de culpar as circunstâncias ou as outras pessoas, precisamos nos arrepender, confessar nossos pecados a Deus, pedir perdão aos outros e nos lembrar de quem Jesus é e do que ele fez por nós em sua morte e ressurreição.

Esse breve resumo não chega nem perto do que foi aquele sermão, mas contém a ideia básica, e eu nunca tinha ouvido nada como aquilo. Ele cortou fundo, foi ao âmago dos verdadeiros problemas da minha vida. Foi como um bisturi que atravessou todas as minhas defesas e abriu meu peito para uma intervenção cirúrgica no meu coração.

ESCANCARANDO AS PORTAS E ACENDENDO AS LUZES

Na época em que ouvi aquele sermão, fazia muitos anos que era cristão, mas meu crescimento em Cristo era lento e inconstante. Eu havia tido um relacionamento romântico que não ajudava em nada meu discipulado. No verão anterior ao início do ano letivo, porém, minha namorada rompeu comigo porque não aguentava mais me ver agindo como um egoísta estúpido. A avaliação dela era bem justa, mas eu não queria admitir isso naquele momento.

No entanto, bem no meio daquele sermão, tive de admitir. Não era algo que eu pudesse continuar ignorando. De uma hora para a outra, eu conseguia enxergar uma centena de “pequenos” conflitos naquele relacionamento e em muitos outros sob uma nova perspectiva. Era como se dezenas de pecados do meu passado estivessem trancados em um saguão cheio de salas escuras, e alguém agora estivesse passando por ele, escancarando todas as portas e acendendo as luzes.

Aquele sermão me transformou. Deu-me olhos totalmente novos para enxergar minha vida, jogando por terra todas as desculpas e racionalizações. Aniquilou a opinião que eu tinha de mim mesmo e revelou-me o caminho para um crescimento cristão mais profundo e consistente.

E, como já disse, aquele sermão também fez com que fosse inevitável eu me juntar à Grace Church. Pensei: “Se esse é o tipo de sujeito que eles chamam como pregador convidado, é melhor eu ficar por aqui para ver como é o programa regular”. Então, tornei-me membro da igreja alguns meses depois e mergulhei de cabeça em tudo aquilo. E Deus usou a pregação, o ensino e o discipulado de pastores e amigos como o Jon para transformar minha vida de dentro para fora.

O QUE ACONTECEU?

O que aconteceu comigo durante aquele sermão? Em poucas palavras, eis o que ocorreu: Deus usou a sã doutrina para produzir santidade. A sã doutrina naquele sermão não me tornou instantaneamente perfeito (quem me dera!), mas produziu uma mudança real na minha mente e no meu coração.

Tiago 4.1,2 me deu uma análise doutrinária dos conflitos interpessoais. Não recorreu a termos teológicos sofisticados, mas me deu uma doutrina sobre o homem, uma doutrina sobre o pecado e uma doutrina sobre a santificação. Por que conflitos acontecem? Em última análise, os conflitos surgem de desejos ímpios, não de personalidades incompatíveis ou de circunstâncias infelizes. E qual é a solução para isso? Arrependimento e fé.

Eu fora capaz de ignorar todas as críticas porque não olhava para mim mesmo através dessas lentes bíblicas. C. J., porém, me deu essas lentes de doutrina e, pela graça de Deus e a capacitação do Espírito Santo, fui capaz de ver a mim mesmo sob uma nova luz, mais precisa e mais repugnante. E isso trouxe mudança real.

A SÃ DOUTRINA EXISTE PARA A SANTIDADE

Para crescer em santidade, é crucial que você compreenda a doutrina bíblica acerca do pecado e enxergue sua própria vida através dessas lentes. Se você não souber o que há de errado com você, não saberá como resolver o problema. Toda doutrina bíblica, adotada pela mente e aplicada ao coração, conforma-nos ao caráter e à vontade de Deus. A sã doutrina faz com que nos voltemos de maneira mais completa para Deus em nossos pensamentos, desejos, atitudes, palavras e ações — que, em suma, é o que a Bíblia denomina “santidade”.

Essa santidade assume milhares de formas concretas em nossa vida. O sermão de C. J., por exemplo, ajudou-me a me tornar mais santo em meu discurso e no meu relacionamento com outras pessoas, sobretudo ao lidar com conflitos.

A sã doutrina é um recurso fundamental pelo qual os cristãos crescem em santidade, e santidade é o objetivo da sã doutrina. Como vimos no capítulo 1, a sã doutrina é um resumo de ensinamentos bíblicos que são tanto fiéis à Bíblia quanto úteis à vida. E, como Paulo diz a Timóteo: “Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, para que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra” (2Tm 3.16,17). Conseguiu perceber? Toda Escritura é proveitosa para instruir na justiça. Instrução em justiça é exatamente aquilo de que precisamos. Com certeza é aquilo de que preciso. E, se você entende a doutrina bíblica acerca do pecado, sabe que precisa dela também.

Como cristãos, foi-nos dada uma nova natureza, preenchida pelo Espírito Santo, mas o pecado ainda habita em nós (Rm 7.17). Ele ainda nos torna cego acerca de nós mesmos, nos estimula a fazer o que é errado e corrompe nossos desejos. Ele ainda nos tenta a adorar a nós mesmos em lugar de Deus. Por isso, precisamos do farol alto da doutrina bíblica iluminando nosso caminho, de forma que não nos desviemos para uma vala. Precisamos do sol da cosmovisão bíblica para dissipar a neblina de pecado que se apega a nossa mente e ao nosso coração.

O próprio Jesus nos ensina que a sã doutrina existe para a santidade. Em João 17, Jesus ora por seus discípulos, em vista de sua morte e ressurreição

que estavam prestes a acontecer:

Mas agora eu vou para ti, e digo isso no mundo, para que tenham a minha alegria completa em si mesmos. Dei-lhes a tua palavra, e o mundo os odiou, porque eles não são do mundo, assim como eu não sou do mundo. Não peço que os tires do mundo, mas que os guardes do Maligno. Eles não são do mundo, assim como eu não sou do mundo. Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade. Assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo. E por causa deles eu me santifico, para que também eles sejam santificados na verdade (Jo 17.13-19).

No versículo 17, Jesus pede que o Pai nos santifique na verdade, na verdade de sua Palavra. Santificar uma pessoa é separá-la do pecado e dedicá-la inteiramente aos propósitos de Deus. Assim, Jesus viveu uma vida perfeitamente obediente e sofreu na cruz em nosso lugar com o objetivo de que fôssemos santificados na verdade — tornados santos pela Palavra de Deus (v. 19). Ele se dedicou inteiramente a Deus para que nós nos dedicássemos inteiramente a Deus. E o instrumento usado por Deus para produzir tamanha dedicação é sua Palavra.

Paulo também nos diz que a sã doutrina é o que nos ensina a viver de forma piedosa. Em 1Timóteo, ele escreve:

Ora, sabemos que a lei é boa, se alguém dela usa legitimamente, discernindo que a lei não está destinada para o justo, mas para os transgressores e desobedientes, para os injustos e pecadores, os ímpios e profanos, para aqueles que agridem pai e mãe, para os assassinos, os adúlteros, homens que praticam a homossexualidade, escravizadores, mentirosos, perjuros e para tudo aquilo que é contrário à sã doutrina, a qual está de acordo com o evangelho da glória do Deus bendito, que me foi confiado (1Tm 1.8-11).

Percebeu o que Paulo diz perto do final da passagem? Ele afirma que todas essas atitudes ímpias são contrárias “à sã doutrina”. Paulo vê uma vida piedosa como uma implicação direta, até uma exigência da sã doutrina.

A sã doutrina não são valores abstratos. Não são ideias flutuando a esmo pelo espaço. Não são meros fatos, como o fato de que neste exato momento estou ouvindo o álbum *You must believe in spring*, de Bill Evans (outro ótimo álbum). Não. A sã doutrina chega a nós com um programa prático, um plano para uma vida nova. A sã doutrina governa a vida sã.

Se afirmamos que cremos na sã doutrina, mas não amamos a Deus e ao nosso próximo, então algo está errado — muito provavelmente há um

descompasso entre mente e coração. Infelizmente, é muito comum deixarmos o conhecimento de Deus ficar apenas na cabeça, em vez de penetrar em nosso coração. Quando deixamos de aplicar a doutrina ao coração (emoções, desejos, afetos, esperanças, anseios e medos), estamos esquecendo o *propósito* da doutrina. Precisamos plantá-la bem fundo em nosso coração, para que o fruto da conformidade com Cristo possa crescer em nossa vida e em nossa igreja para a glória de Deus.

Aliás, é exatamente por isso que Paulo ora em Filipenses:

E minha oração é para que o vosso amor aumente mais e mais, em conhecimento e em todo o discernimento, de modo que aproveis o que é excelente, sendo dessa forma puros e irrepreensíveis para o dia de Cristo, cheios do fruto da justiça que vem por meio de Jesus Cristo, para glória e louvor de Deus (Fp 1.9-11).

Paulo ora para que cresçamos em conhecimento e entendimento — que não apenas concordemos com as melhores coisas, mas que também as aprovemos e desejemos. Isso envolve mais do que a doutrina, é claro, mas é na adoção da doutrina que se inicia o entendimento.

Com que propósito Paulo ora por isso? Para que vivamos vidas justas, glorificando assim a Deus. Paulo quer que abracemos a doutrina para que nossa vida e nossa igreja sejam cheias do fruto da justiça e para que Deus seja glorificado. A doutrina existe para a santidade.

DOCTRINAS QUE PRODUZEM SANTIDADE

Neste capítulo, relatei como a doutrina bíblica sobre o pecado me ajudou a crescer em santidade. E, como temos visto, toda Escritura é proveitosa para instruir em justiça. Isso significa que todas as doutrinas bíblicas operam para nos conformar à imagem de Cristo.

Reflita na doutrina sobre Deus. A santidade, a justiça, a onipresença e a soberania de Deus sobre todas as coisas possuem implicações infinitas sobre como nossa vida deve ser. Tenha também em mente a paciência, a compaixão e a misericórdia dele. Esses aspectos de quem Deus é também devem nos incentivar na direção da santidade, que é definida pelo caráter divino. Como sabemos o que é ser santo? Basta olharmos para Deus. Veja o que Pedro diz:

Como filhos obedientes, não vos conformeis às paixões de vossa antiga ignorância, mas, assim como aquele que vos chamou é santo, sede também santos em todo o vosso procedimento, uma vez que está escrito: “Sede santos, porque eu sou santo”. E, se chamais de Pai aquele que julga imparcialmente, de acordo com as obras de cada um, comportar-vos com temor durante todo o tempo de vosso exílio (1Pe 1.14-17).

Já que Deus é santo, devemos ser santos em tudo o que fazemos. Isso significa que devemos deixar para trás toda paixão e todo desejo que não estejam de acordo com nosso conhecimento de Deus (v. 14). Além disso, como Deus julga todas as pessoas de forma imparcial, devemos viver diante dele com reverente temor por toda a vida (v. 17). Deus é nosso Pai, mas é também aquele que a todos julgará. Por isso, devemos viver à luz de sua justiça absoluta. E a justiça de Deus define para nós o que significa viver corretamente. Ao olharmos para ele, aprendemos a viver. Conforme aprendemos acerca de seu caráter, obtemos um padrão para o nosso.

Ou pense na promessa que Deus fez de estabelecer com perfeição seu reino, quando Cristo retornar — aquilo que conhecemos como a doutrina da “escatologia”, ou das últimas coisas. Eis o que o apóstolo João fala sobre tal esperança:

Amados, nós somos filhos de Deus agora, e o que seremos ainda não se manifestou; mas sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque o veremos como ele é. E todo aquele que tem essa esperança nele purifica a si mesmo, assim como ele é puro (1Jo 3.2,3).

Naquele último dia, seremos semelhantes a Cristo. Seremos perfeitamente justos, perfeitamente conformados ao caráter de Deus, tal como ele é. Portanto, diz João, todo aquele que tem essa esperança purifica a si mesmo. A promessa de que seremos semelhantes a Cristo no último dia nos faz agora querer ser como ele é e a trabalhar arduamente para esse fim.

Ambas as passagens fazem uma conexão direta entre a sã doutrina e um viver santo; e há inúmeros outros exemplos de tais conexões que poderíamos extrair das Escrituras. Toda Escritura é útil para nos conformar ao caráter de Cristo. Toda doutrina bíblica, corretamente compreendida e aplicada, ajuda a trazer nossa mente, nosso coração e nossos desejos para mais perto de Cristo.

COMO ESSES FRUTOS CRESCEM

A sã doutrina gera santidade não apenas em nossa vida pessoal, mas também na vida comunitária da igreja. Como? Eis um esboço de como a sã doutrina colabora para o crescimento dos frutos da santidade por meio de quatro aspectos distintos de nossa vida comunitária na igreja:

1. PREGAÇÃO E ENSINO

Como vimos no capítulo 2, a pregação e o ensino da igreja devem ser plenos de sã doutrina. A doutrina deve ser a estrutura que suporta o edifício do ensino da igreja — nem sempre visível, mas sempre dando forma ao todo. Algumas vezes, ela deve até ficar em primeiro plano.

Conforme os pastores e demais líderes da igreja pregam a sã doutrina, nossa mente se conforma cada vez mais à mente de Cristo. Semana após semana, dia após dia, extirpamos mentiras e plantamos verdades. À medida que criam raízes em nosso coração, essas verdades transformam nossos desejos, nossas inclinações e nossas ações. Da mesma forma que uma dieta saudável leva a um corpo são, uma dieta de sã doutrina na pregação também produz santidade nos membros de uma igreja.

2. CÂNTICOS

Como veremos mais adiante no capítulo 6, a sã doutrina é o combustível da adoração. Isso significa que as canções que entoamos quando nos reunimos nas igrejas devem estar cheias da sã doutrina. Os cânticos na igreja dão aos fiéis a oportunidade de se alegrarem juntos nas verdades a respeito de quem Deus é. Os hinos são uma oportunidade para que todos celebrem juntos a obra da salvação. Nesses momentos de celebração, cantar ajuda a levar a doutrina da mente para o coração e a deixá-lo inflamado.

Ao cantar verdades para Deus a respeito dele, nossas emoções são santificadas. É muito comum regozijar-nos e ter prazer nas coisas erradas, celebrando essas coisas. Cantar a sã doutrina nos ajuda a regozijarmo-nos e ter prazer no Deus trino e uno, celebrando-o. E isso ajuda nosso caráter por inteiro a se tornar cada vez mais semelhante ao caráter de Cristo.

Não se trata apenas de uma experiência individual, mas coletiva. Paulo exortou os romanos: “Que o Deus da perseverança e encorajamento vos conceda viver em tal harmonia uns com os outros, de acordo com Jesus Cristo, que, juntos, glorifiquéis com uma só voz ao Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo” (Rm 15.5,6). Paulo deixou claro que os romanos deviam buscar a unidade a fim de oferecerem adoração harmoniosa e unificada a Deus. E também é verdadeiro que a adoração a Deus nos une; quando glorificamos a Deus em uma só voz, nossos corações se unem em santidade. Juntos, como igreja, tornamo-nos mais semelhantes a Cristo à medida que louvamos a Deus com canções.

3. ORAÇÃO

O que pedimos a Deus revela os desejos de nosso coração. Revela quem realmente somos. É por isso que devemos orar de acordo com a sã doutrina, tanto em particular quanto coletivamente.

Você já reparou como as orações presentes na Bíblia são cheias da sã doutrina? Veja as orações de confissão em Neemias 9 e Daniel 9. Ou pense em quanta doutrina fundamenta o Pai-Nosso (Mt 6.9-13): a oração começa afirmando a glória de Deus (“Santificado seja o teu nome”); ela clama pelo cumprimento de suas promessas e pede que todas as coisas sejam conforme sua santa vontade (“Venha o teu reino, seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu”); e então descansa na providência e na soberania de Deus (“O pão nosso de cada dia nos dá hoje”). Quando Jesus ensinou seus discípulos a orar, mostrou-lhes como colocar a doutrina que tinham em prática.

Nossas igrejas também devem colocar a sã doutrina em prática louvando a Deus pelo que ele é, agradecendo-lhe pelo que ele tem feito, confessando pecados e pedindo-lhe por coisas que sabem que são agradáveis a ele. Quando as orações em nossas igrejas são cada vez mais alimentadas pela sã doutrina, elas se tornam mais santas — e o mesmo vale para nós.

4. MODELO

Outra forma pela qual a sã doutrina deve produzir santidade na igreja é a apresentação de modelos. Não estou falando sobre fazer uma pose e tirar fotografias; refiro-me ao ensinamento bíblico de que todos os cristãos devem tanto aprender com o exemplo de outros quanto ser eles mesmos exemplos de uma vida piedosa.

Ao longo de todo o Novo Testamento, somos ensinados a imitar o exemplo de vidas devotas. Hebreus nos diz: “Lembraí-vos de vossos líderes, aqueles que vos pregaram a palavra de Deus. Considerai o resultado de seu modo de viver e imitai sua fé” (Hb 13.7). E Paulo escreve: “Irmãos, sede meus imitadores e prestai atenção nos que andam conforme o exemplo que tendes em nós” (Fp 3.17).

Como cristãos, devemos imitar aqueles que exibem fé e vida sãs. E devemos nos esforçar para dar esse mesmo exemplo aos outros. Essa foi uma das principais coisas que me ajudaram a crescer como cristão durante meu tempo na Grace Church e que ainda hoje funciona para mim.

A sã doutrina é fundamental para isso, porque é ela que alimenta a piedade. Quando imitamos as pessoas ou as convidamos a nos imitarem, não estamos absolutamente brincando de macaquinho de imitação. Não estamos apenas tentando reproduzir comportamentos específicos. Estamos, mais exatamente, recebendo e passando adiante uma reação correta à sã doutrina. Como encontrar alegria em meio às dificuldades financeiras? Acalentando no coração as riquezas que temos em Cristo e que nos serão reveladas no último dia (1Pe 1.4,5). Como confiar no Senhor diante de uma terrível provação? Contando com a bondade e a soberania de Deus (Jó 1.21).

A sã doutrina é o roteiro para uma vida sadia. Por isso, um exemplo de vida piedosa é a pessoa que pode dizer: “Vivo assim por causa do que diz a Palavra de Deus. Leia aqui. Veja por si mesmo”. Tais pessoas podem lhe ensinar como viver de acordo com o roteiro escrito porque elas o praticam diariamente. Um exemplo de alguém piedoso é aquele que pode lhe ensinar os passos intrincados da dança da vida cristã, pois conhece a música de cor.

Em todos esses aspectos da vida da igreja, a sã doutrina é o combustível para o crescimento espiritual. Por isso, injetemos esse combustível em nossa

igreja e em nossa vida diária para que nos tornemos motores de crescimento em santidade.

O PODER E O ÂNIMO DA SÃ DOUTRINA

Posso ter ficado um pouco entediado na primeira vez que ouvi John MacArthur, mas, como disse, ele consegue ser um pregador empolgante. Por quê? Pela mesma razão que torna qualquer pastor que pregue a Bíblia com fidelidade um pregador empolgante: a Palavra de Deus é poderosa para transformar pecadores e nos conformar à imagem de Cristo. A sã doutrina tem poder — poder para nos tornar santos. Quando escutamos com atenção o que a Palavra de Deus diz sobre nós, Deus, a salvação e muito mais, conectamo-nos a uma fonte de energia infinitamente maior que as redes que mantêm as cidades zunindo.

Esse poder mudou minha perspectiva na Grace Church, de entediado para entusiasmado. Esse poder disparou uma reação em cadeia em minha vida que segue em movimento ainda hoje. Esse poder pode transformar o caráter de igrejas inteiras. E esse poder impulsionará nosso crescimento em santidade até que nos tornemos perfeitamente puros, assim como ele é.

A sã doutrina existe para a santidade.

A SÃ DOUTRINA EXISTE PARA O AMOR

Velejar é uma das atividades mais encantadoras que posso imaginar. Quase nunca tenho chance de fazê-lo, mas, quando tenho, é como entrar em outro mundo.

Uma das melhores coisas na prática da vela é o silêncio. Não há motor, somente o som constante do casco mergulhando e subindo, enquanto corta as ondas, e um casual farfalhar das velas quando o vento muda de direção. Esse silêncio é a quietude resoluta de uma embarcação bem construída, recebendo a força que foi feita para suportar. É o silêncio sugestivo da natureza facilmente traduzido em maravilha: uma jornada no mar.

Um barco à vela, claro, não gera sua própria tração. Há vários elementos que funcionam em conjunto para possibilitar que a embarcação transforme vento em movimento: o tamanho e o ângulo das velas, o *design* do casco e a forma da quilha, projetada na parte de baixo.

Isso significa que é necessário constante atenção ao vento. Se há pouco vento, você sobe uma bujarrona para pegar mais vento. Se a velocidade dele aumenta, será preciso prender parte da vela para evitar excesso de potência. Se ele cessar, você fica parado no lugar.

Velejar significa uma total dependência do vento. Você não consegue ir a lugar algum sem ele. Toda a sua movimentação é uma reação à força do vento. Não dá para simplesmente entrar no barco, ligar a chave e zarpar. Algo muito maior e mais forte que seu pequeno barco precisa encher as velas e empurrá-lo adiante.

AMOR, VENTO, VELEIROS E A SÃ DOUTRINA

As pessoas, hoje em dia, muitas vezes pensam que o amor é como o vento: sopra onde quer. Você não pode controlá-lo e não pode *fazer* nada a respeito. Se estiver apaixonado por seu cônjuge, ótimo. Se, todavia, acordar um dia “sem amor”, vá em frente e peça o divórcio.

Ou, se você ama seus vizinhos da casa ao lado, isso é bom. Mas, se eles e o cachorro deles que não para de latir incomodam além da conta, bem, não há nada que você possa fazer a respeito; você não pode se obrigar a amá-los.

Em suma, pensamos que o amor é como uma musa caprichosa. Se essa musa nos toca, somos inspirados; caso contrário, somos indiferentes.

Mas o amor na Bíblia é algo bem diferente. Para começar, o amor pode ser controlado. A Bíblia ordena repetidamente que amemos a Deus (Dt 6.4-6), ao próximo (Lv 19.18), ao irmão em Cristo (1Pe 4.8; Jo 13.34,35), e até a nossos inimigos (Rm 12.19-21). O amor, não há dúvida, pode esfriar (Mt 24.12), e podemos perder o amor que um dia sentimos (Ap 2.4). As Escrituras, porém, ordenam que amemos uns aos outros sem fingimentos, com afeto e de todo coração (Rm 12.9,10; 1Pe 1.22), e que amemos a Deus com toda nossa força (Dt 6.4-6; Mt 22.37-39). O amor não é como um ditador arbitrário que nos convoca e nos dispensa ao seu bel-prazer, mas algo que pode ser governado e pelo qual devemos nos esforçar, algo que podemos até provocar nos outros (Hb 10.24).

E não é só isso. Nosso amor é na verdade uma reação ao amor de Deus: “Nós amamos porque ele nos amou primeiro” (1Jo 4.19). É o amor de Deus por nós em Cristo que nos capacita a amar outras pessoas. Ele nos atrai e nos leva a amar outras pessoas e ainda nos mostra como o amor deve ser.

Em outras palavras, nosso amor não é semelhante ao vento, nem é algo que podemos acelerar por nossa conta, como uma lancha motorizada. Nosso amor, ao contrário, está mais para um veleiro empurrado adiante pelo vento do amor de Deus. Nosso amor, por Deus e pelas pessoas, é sempre dependente do amor prévio de Deus por nós. É uma reação ao seu amor.

Esse é um dos mais importantes motivos pelo qual a sã doutrina existe para o amor.

A SÃ DOUTRINA EXISTE PARA O AMOR

Muitas pessoas, hoje em dia, veem o amor e a doutrina como inimigos, ou, na melhor das hipóteses, como rivais. Até em igrejas evangélicas você ouvirá ecos de Burt Bacharach e dos Beatles: “O que o mundo precisa agora é de amor, e amor é tudo de que precisamos”. Algumas pessoas afirmam que a doutrina só atrapalha: torna as pessoas orgulhosas, infla a cabeça em detrimento do coração. Contudo, as Escrituras contam uma história diferente.

Leve em conta a pequena joia negligenciada da Epístola de 2João. Aliás, não apenas leve-a em conta, mas leia-a. Leia-a inteira. Se sua leitura for vagarosa, deverá lhe tomar uns dois minutos. Fica no fim da Bíblia, umas poucas páginas antes de Apocalipse. Vá em frente. Ficarei esperando.

Tudo certo? Já voltou?

Percebeu tudo o que o apóstolo João disse sobre o amor e a verdade? Ele endereça sua carta “à senhora eleita e a seus filhos” (2Jo 1), que é provavelmente uma forma de se referir à igreja local (perceba uma expressão análoga no v. 13). João ama essa igreja “em verdade”, assim como todos aqueles que conhecem a verdade (v. 1). Por que João e seus irmãos na fé amam esses outros cristãos? Resposta: “Por causa da verdade que permanece em nós e que estará conosco para sempre” (v. 2).

Então, João e seus irmãos cristãos amam essa igreja *em verdade e por causa da verdade*. A verdade é a base do amor que temos uns pelos outros. Ela entrelaça nossos corações em um. John Stott, ao comentar esses versículos, observa: “Se somos cristãos, devemos amar nosso próximo e até nossos inimigos, mas estamos associados aos nossos irmãos em Cristo pelo vínculo especial da verdade. A verdade é a base do amor cristão recíproco”.¹

João prossegue afirmando que se alegra muito em ouvir a respeito daqueles na igreja que caminham na verdade (2Jo 4). Depois ele pede que seus leitores guardem o mandamento recebido desde o início, que é o de amar uns aos outros (v. 5). Esse amor consiste em andar conforme os mandamentos de Deus, o que desde o princípio ouvimos (v. 6).

Então, do versículo 7 ao 11, João revela a preocupação urgente que o fez escrever: “Muitos enganadores já saíram pelo mundo, os quais não confessam a vinda de Jesus Cristo em carne” (v. 7). Portanto, eles deviam tomar cuidado com falsos mestres (v. 8). Crer em um evangelho falso é ser afastado de

Deus, mas permanecer na verdade é permanecer com o Pai e o Filho (v. 9). Eles não deviam nem ser hospitaleiros com um falso mestre, pois quem assim procede “participa de suas obras iníquas” (v. 10,11).

Por que João fala sobre andar em amor em uma frase e sobre ensinamentos falsos na seguinte? Será que ele está só misturando dois assuntos que não têm relação alguma entre si? De forma nenhuma. João quer que esses cristãos estejam unidos em um amor que procede da verdade. Por isso, eles não devem permitir que falsos ensinamentos penetrem na congregação e arranquem as raízes de seu amor.

O texto de 2João nos ensina que, na igreja, a sã doutrina é a base do amor que temos uns pelos outros. Ela é o fundamento do nosso amor. Ela nos leva a amar. É a razão de nosso vínculo especial como cristãos. Invertendo a ordem, o amor é o objetivo da sã doutrina. Se não amamos uns aos outros, é sinal de que não estamos devidamente firmados na verdade.

A sã doutrina existe para o amor.

A SÃ DOUTRINA EXISTE PARA O AMOR — PARA TODOS OS TIPOS DE AMOR

A sã doutrina não é apenas a base do amor que sentimos por nossos irmãos cristãos, mas o fundamento de *todo* o nosso amor. Lembre-se: a sã doutrina é um resumo dos ensinamentos bíblicos que é tanto fiel à Bíblia quanto útil para a vida. Veja alguns exemplos de como diferentes doutrinas nos ensinam a amar.

(1) *A doutrina de Deus nos leva a amar a Deus.* Quanto melhor o conhecermos, mais o amaremos. Conhecer melhor a Deus é penetrar mais profundamente nas insondáveis profundidades de seu amor; e essa profundidade traz à tona nosso amor em resposta (Ef 3.17-19).

(2) *A doutrina do homem nos leva a amar o próximo.* Como todo ser humano é feito à imagem de Deus, todo ser humano é digno de nosso amor (Tg 3.9). *A doutrina do homem* nos ensina a amar os outros — todos os outros. Também devemos demonstrar amor especial por aqueles que precisam de auxílio e proteção, porque Deus faz isso. Ele “faz justiça ao órfão e à viúva e ama o estrangeiro, dando-lhe comida e roupa” (Dt 10.18).

(3) *A doutrina da providência nos ensina a amar nossos inimigos.* Jesus comenta que Deus faz o sol nascer sobre maus e bons e faz chover sobre justos e injustos (Mt 5.43-48). A lição que fica para nós? Também devemos amar nossos inimigos (v. 44,45).

(4) *A doutrina da redenção ensina os maridos a amar a esposa.* Paulo escreve: “Maridos, cada um de vós ame a sua mulher, como também Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela, a fim de santificá-la com a lavagem da água, pela palavra” (Ef 5.25,26). O amor de Cristo demonstrado no evangelho fornece o padrão — e o motivo — para um marido amar sua esposa.

(5) *A doutrina do amor de Deus ensina todo o povo de Deus a amar os irmãos crentes.* João escreve: “Nisto consiste o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou e enviou seu Filho como propiciação pelos nossos pecados. Amados, se Deus assim nos amou, também nós devemos amar uns aos outros” (1Jo 4.10,11; veja também João 13.34,35). Paulo ainda nos diz para “andarmos em amor” uns com os outros, “como Cristo nos amou e se entregou por nós, um sacrifício e uma oferta com

aroma suave a Deus” (Ef 5.2). Quanto mais aprendermos sobre como Deus nos amou em Cristo, mais saberemos como amar uns aos outros e mais desejosos ficaremos de fazê-lo.

A sã doutrina coloca diante de nossos olhos a largura, o comprimento, a altura e a profundidade do amor de Deus (Ef 3.18). Isso nos chama a nos maravilharmos com ela, a louvarmos a Deus por ela e a sermos transformados por ela. Pelo poder do Espírito, quando meditamos no amor que Deus demonstrou por nós em Cristo (Rm 5.8), nosso coração fica cheio de amor — amor por Deus, pelo próximo e por nossos irmãos e irmãs em Cristo. Eis como o pastor Jonathan Edwards, do século 18, falava sobre isso:

A obra da redenção que o evangelho torna conhecida proporciona acima de tudo motivos para amar, pois essa obra foi a mais gloriosa e maravilhosa exibição de amor que jamais vimos ou de que ouvimos falar [...]. Revelações verdadeiras do caráter divino nos dispõem a amar a Deus como o bem supremo. Elas unem nossos corações em amor a Cristo, dispondo nossas almas a transbordar de amor pelo povo de Deus e por toda a humanidade.²

A sã doutrina também nos fornece o padrão para nosso amor. Devemos caminhar em amor *como* Cristo nos amou. Os maridos devem amar suas esposas *como* Cristo amou a igreja e deu sua vida por ela. Assim como Cristo não nos amou apenas “de palavras nem de boca, mas em obras e em verdade”, também devemos amar uns aos outros de forma tangível e custosa (1Jo 3.16-18).

A sã doutrina existe para o amor — para todos os tipos de amor.

DOCTRINA E AMOR EM NOSSA VIDA E EM NOSSAS IGREJAS

Que diferença isso deve causar em nossa vida e em nossas igrejas?

Antes de mais nada, a sã doutrina traz uma solução para a falta de amor. Se seu amor por Deus está esfriando, você pode aquecê-lo de novo tomando uma boa dose dela, meditando nela em oração e imprimindo-a em seu coração. Jonathan Edwards, em outra citação, escreve: “Quando enxergamos a verdade das gloriosas doutrinas e promessas do evangelho, essas doutrinas e promessas são como múltiplas cordas que envolvem o coração, fazendo-o expressar amor por Deus e por Cristo”.³

Ou talvez você esteja lutando consigo mesmo para amar alguém. Pode ser um familiar difícil de lidar, ou um chefe autoritário, ou um membro da sua igreja que o trata com indiferença. Pare um pouco e pense com calma no quão profundamente Deus amou você em Cristo. “Pois dificilmente haverá quem morra por um justo [...]. Mas Deus demonstra o seu amor para conosco por Cristo ter morrido por nós quando ainda éramos pecadores” (Rm 5.7,8). Cristão, eis como Deus o amou: quando você era inimigo dele, ele providenciou para que você se reconciliasse com ele pela morte de seu Filho (Rm 5.9). O caminho para um amor maior pelos outros começa com um reconhecimento mais profundo do comprimento, da largura, da altura e da profundidade do amor de Deus por você, o qual brilha mais intensamente no evangelho de seu Filho.

E, como já vimos, o amor que Deus nos mostrou em Cristo é o referencial do amor que temos uns pelos outros na igreja. Você ama os outros cristãos somente em função do que pode obter deles ou porque você e eles são amados por Deus? Você ama seus irmãos na fé mesmo quando eles lhe dão inúmeras razões para não amá-los? Seu amor alcança todos os irmãos em sua igreja, ultrapassando diferenças que, no mundo, geralmente impedem o amor, como desigualdades de posses, status social ou cor da pele?

Na verdade, a Bíblia testa se realmente conhecemos o amor de Cristo por meio do amor que temos por irmãos e irmãs em Cristo. “Se alguém diz: ‘Amo a Deus’, e odeia seu irmão, é mentiroso. Pois aquele que não ama a seu

irmão, a quem viu, não pode amar a Deus, a quem não viu” (1Jo 4.20; veja também 1Jo 3.17,18).

Nossas igrejas deveriam ser caracterizadas por um amor mútuo que se estende a todos aqueles que invocam o nome do Senhor Jesus Cristo; e o amor, não se esqueça, é alimentado pela sã doutrina. Se amargura, fofoca e difamação estão destruindo nossa igreja, a sã doutrina é uma das ferramentas mais necessárias para restaurá-la. Se rivalidades e discórdias sufocam o amor da igreja, ela precisa voltar a respirar o ar fresco da sã doutrina. Para amar os que não inspiram amor e reconciliar inimigos, devemos lembrar que Deus fez essas mesmas coisas por nós em Cristo.

Se temos em nossas igrejas pessoas difíceis de serem amadas, bem, o mesmo vale para nós; isso não impediu nosso Salvador de nos amar por todo o caminho até a cruz. Quanto mais profundamente somos moldados por essa verdade, mais nossa vida e nossas igrejas se conformam à imagem do amor de Deus.

COMO UMA VELA QUE APROVEITA O VENTO

Diferentemente de um vento que morre deixando-nos à deriva no mar, o amor de Deus é uma ventania constante que jamais cessa. Nem mesmo nosso pecado pode ameaçar seu amor por nós. Aliás, a grandeza do amor de Deus é demonstrada precisamente pelo fato de que ele nos ama apesar de nosso pecado.

O amor de Deus é uma expressão de sua natureza. “Mas Deus, sendo rico em misericórdia, por causa do imenso amor com que nos amou, e estando nós ainda mortos em nossos pecados, deu-nos vida juntamente com Cristo” (Ef 2.4,5). Deus é rico em misericórdia — ele a tem para dar e vender. Deus se revelou a Moisés como “o SENHOR, o SENHOR, Deus misericordioso e compassivo, tardio em irar-se e grande em benignidade e fidelidade, que conserva sua misericórdia para com milhares; que perdoa a iniquidade, a transgressão e o pecado” (Êx 34.6,7). E João resume tudo isso em poucas palavras: “Aquele que não ama não conhece a Deus, porque Deus é amor” (1Jo 4.8).

Deus é amor, e ele nos tem amado de forma maravilhosa em Cristo. Seu amor por nós é o fundamento, a fonte e o padrão do nosso amor por ele, pelo próximo, pelos nossos irmãos em Cristo e até pelos nossos inimigos. Nosso amor reage ao dele como uma vela que reage ao vento.

A sã doutrina existe para o amor.

¹John R. W. Stott, *The letters of John: an introduction and commentary*, 2. ed., Tyndale New Testament Commentaries (Downers Grove: InterVarsity Press, 1988), p. 205.

²Jonathan Edwards, *Charity and its fruits*, reimpr. (Edinburgh: Banner of Truth, 1969), p. 19, 21.

³*Ibidem*, p. 21.

A SÃ DOUTRINA EXISTE PARA A UNIDADE

Jason é um de meus melhores amigos da faculdade. Eu o conheci por meio de um serviço de capelania no *campus* em nosso primeiro ano. Passamos a congregar na mesma igreja e acabamos sendo colegas de quarto. Ao longo daqueles anos, construímos uma amizade que, até o dia de hoje, traz para nós dois encorajamento, aprimoramento e alegria.

Ele e eu somos da Califórnia. Somos homens, brancos e músicos — Jason é um pianista clássico talentoso. Nós dois gostamos muito de ler e somos bastante comunicativos. Pode-se dizer que temos muitas coisas em comum.

Ao mesmo tempo, viemos de circunstâncias familiares distintas, com situações financeiras também diferentes. Além disso, nossas personalidades não são nada parecidas, e é aqui que toda diversão começa.

De sua parte, Jason não tem dúvidas de que jamais teria sido meu amigo se não fôssemos cristãos. Talvez porque eu sou descolado e ele é um nerd? (não é verdade). Talvez seja porque temos formações diferentes (isso pode ter algo a ver). Talvez seja porque minha personalidade irrita tanto o Jason, que ele jamais teria me aturado se não fosse pela ação do Espírito Santo (agora estamos chegando perto).

Qualquer que seja a razão, Jason tem a mais absoluta certeza de que nunca teria sido meu amigo se não fosse por Cristo. Ao longo dos anos, ele tem me dito isso com frequência e sem deixar margem para dúvidas — o que quase faz com que eu me sinta um pouco inseguro! Eu sou assim tão difícil de se gostar? Tão inconveniente? Tão odiosamente arrogante?

O que quero dizer, porém, é que, apesar de nossas diferenças, somos grandes amigos. E, ao menos segundo Jason, isso jamais teria acontecido se não fosse o evangelho.

COMO A IGREJA PODE JUNTAR AQUILO QUE O MUNDO SEPARA?

A amizade viabilizada pelo evangelho de que Jason e eu desfrutamos é um mero vislumbre da gloriosa exibição de unidade que é a igreja do Senhor Jesus Cristo.

Para alcançarmos unidade, Jason e eu tivemos de superar algumas barreiras, principalmente a barreira da minha personalidade enervante. O mundo, porém, é dilacerado por divisões bem mais profundas que essas; questões de etnias, de status social e de gênero logo vêm à mente.

Nossa sociedade se orgulha de ser tolerante e inclusiva, ainda que dezenas de divisões profundamente arraigadas isolem categorias inteiras de pessoas. O que é pior, tais divisões colocam uns contra os outros, apesar de muitos e intensos esforços em contrário. Nos Estados Unidos de hoje em dia, por exemplo, a discriminação racial não é apenas ilegal, mas estigmatizada; ainda assim, o racismo resiste renitente em nosso coração e mente. E não é preciso muito para que tudo venha à superfície.

Todavia, a igreja transcende de maneira efetiva essas diferenças e divisões: “Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher, pois todos vós sois um em Cristo Jesus” (Gl 3.28; veja também Cl 3.11).

Como Paulo pode dizer isso? Como a igreja pode transcender tais divisões que continuam desafiando o mundo em seus melhores esforços para superá-las?

Em Gálatas, Paulo trata a unidade entre judeus e gregos, escravos e livres, homens e mulheres como uma conclusão do fato de que somos justificados — declarados justos por Deus — exclusivamente com base na fé, e não por causa das boas obras que fazemos. Os gálatas estavam começando a depender da circuncisão e do cumprimento da lei para a salvação (Gl 3.1; 5.2-4), portanto Paulo lhes recorda que são declarados justos aos olhos de Deus “pela fé em Cristo e não por obras da lei” (Gl 2.16).

Em consequência, aqueles de origem judaica e os convertidos ao judaísmo, cumpridores da lei que viviam entre eles não tinham por que se considerar superiores aos seus irmãos gentios: “Sabei então que os da fé é que são filhos de Abraão” (Gl 3.7). Ser aceitável a Deus e, portanto, fazer

parte de seu povo é algo concedido apenas pela graça de Deus e exclusivamente pela fé em Cristo. Assim, a aceitação de Deus e a filiação a seu povo estão disponíveis a *todo* aquele que se aproxima de Cristo com fé, independentemente de etnia, status social, gênero ou o que quer que seja.

Em outras palavras, a doutrina da justificação exclusivamente pela fé é o fundamento da unidade da igreja. Todos aqueles que se aproximam de Cristo e confessam sua fé por meio do batismo se “revestiram de Cristo” (Gl 3.27) e são herdeiros de todas as promessas de Deus (Gl 3.29). E, como todos na igreja nos “revestimos de Cristo”, somos todos um em Cristo (Gl 3.28).

Cristo é a única entrada para você fazer parte da igreja. Você não precisa remontar sua genealogia até Abraão; não precisa estar filiado a um partido político específico ou viver em determinada área da cidade; não precisa ter uma formação intelectual específica, nem ganhar certa quantidade de dinheiro. Todos são chamados a colocar sua fé em Cristo, por isso todos que atendem ao chamado são bem-vindos na igreja como irmãos e irmãs, membros da família de Deus em pé de igualdade.

A união da igreja está fundamentada e tem sua origem na doutrina da justificação, que é somente pela fé. Essa é uma das muitas formas pelas quais a sã doutrina existe para a unidade.

A SÃ DOUTRINA EXISTE PARA A UNIDADE

Uma lição semelhante pode ser encontrada em 1Coríntios. Paulo foi levado a escrever aos coríntios por causa das desavenças e demonstrações de superioridade deles: “Cada um de vós afirma: ‘Eu sigo Paulo’, outro, ‘Eu sigo Apolo’, outro, ‘Eu sigo Cefas’, outro, ‘Eu sigo Cristo’” (1Co 1.12). A resposta de Paulo diante dessa divisão é fulminante: “Será que Cristo está dividido? Foi Paulo crucificado por vós? Fostes batizados em nome de Paulo?” (1Co 1.13).

Paulo está dizendo que a igreja, assim como Cristo, não deve ser dividida. Por quê? Porque a igreja é o corpo de Cristo, como o apóstolo explica mais adiante no capítulo 12. Além disso, as pessoas não devem entregar sua lealdade absoluta a ninguém além de Cristo, pois foi Cristo quem foi crucificado por nossos pecados (veja 1Co 15.1-4). E os cristãos são batizados em nome do Deus trino e uno, não em nome de algum mestre humano (veja Mt 28.19). Portanto, os cristãos pertencem ao Senhor, não a um mestre qualquer.

Todas essas questões retóricas em 1Coríntios 1.13 constituem argumentos teológicos pela unidade da igreja. Uma vez que somos o corpo de Cristo, devemos estar unidos, não divididos. Como nossa mais absoluta lealdade pertence a ele e somos batizados em seu nome, não devemos dividir nossas igrejas em facções em torno de nossos líderes favoritos.

A unidade da igreja está fundamentada na sã doutrina e procede dela. Repetindo o que já foi dito: a sã doutrina é um resumo do ensino bíblico que é tanto fiel à Bíblia quanto útil à vida. Por isso, quando a unidade da igreja em Corinto é colocada em risco, Paulo lança mão de fundamentos teológicos para trazê-la de volta à conformidade com o plano de Deus. A sã doutrina não apenas é o fundamento da unidade, mas é também a restauradora dela. Ela não apenas fornece um padrão de unidade como ajuda a realinhar a igreja com esse padrão quando a conformidade foi corrompida. A sã doutrina existe para a unidade.

Vemos essa mesma dinâmica em Efésios 4, quando Paulo nos exorta a caminhar de modo digno para com o nosso chamado (v. 1). E como podemos fazê-lo? Sendo humildes, gentis e pacientes, suportando uns aos outros em amor e “buscando diligentemente manter a unidade do Espírito no vínculo da

paz” (v. 2,3). Como cristãos, somos chamados primordialmente a amar uns aos outros, a suportar com mansidão uns aos outros e a esforçar-nos para preservar a unidade da igreja.

Por que devemos fazer isso? Paulo responde levando-nos às realidades mais profundas de nossa fé: “Há um só corpo e um só Espírito, como também fostes chamados em uma só esperança do vosso chamado; há um só Senhor, uma só fé, um só batismo; um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, por todos e está em todos” (Ef 4.4-6). Tudo o que diz respeito à nossa fé proclama “Unidade!”: Há um só corpo de Cristo. Há somente um Espírito, que nos dá uma nova vida. Há apenas uma esperança para a qual somos chamados. Há somente um senhor Jesus Cristo, uma só fé nesse mesmo Senhor, e um só batismo em seu nome. Há apenas um Pai acima de todos. E Pai, Filho e Espírito Santo são um só Deus.

A unidade da igreja está fundamentada na unidade da fé. Somos, portanto, chamados a preservar o vínculo de paz que nos une, a unidade que nos foi dada pelo Espírito. Uma vez que a igreja é, de fato, uma, somos chamados para sermos um.

AGULHA E LINHA PARA CONSERTAR O TECIDO DA UNIDADE

Lamentavelmente, é muito comum que nossas igrejas não sejam unidas. Com muita frequência, ficamos divididos ao longo das mesmas linhas que dividem não cristãos entre si. Muitas vezes, permitimos que amargura, inveja, fofoca, orgulho, rivalidades e intolerância se apropriem do frágil tecido da unidade, rasgando-o em pedaços.

Por isso, não causa surpresa o fato de que as Escrituras nos exortam a buscar, conservar e reparar a unidade em nossas igrejas. Paulo escreve aos filipenses: “Portanto, se há alguma exortação em Cristo, alguma consolação de amor, alguma comunhão no Espírito, algum afeto e compaixão, completai a minha alegria, tendo a mesma opinião e o mesmo amor, estando em pleno acordo e em um só pensamento” (Fp 2.1,2). Como em 1Coríntios 1 e em Efésios 4, Paulo apela às raízes doutrinárias da nossa união. Ele apela às bênçãos do evangelho com o fim de afirmar essencialmente que, “se você experimentou as virtudes das bênçãos do evangelho, então, por favor, por favor, preserve isto: a unidade da igreja”.

Perceba que ele tem como alvo uma união abrangente — união de mentes e corações, de pensamentos e sentimentos. Ele quer que a igreja esteja tão intimamente entrelaçada quanto os fios de algodão de nossa roupa, que se misturam em um mesmo tecido sem emendas. Ele quer que a unidade da igreja seja tão pura e ressonante quanto uma orquestra afinada no mesmo tom.

Como a igreja deve buscar essa união? “Nada façais por contenda ou por vanglória, mas, com humildade, considerai os outros mais importantes do que vós. Que cada um de vós olhe não só para os seus próprios interesses, mas também para os interesses dos outros” (Fp 2.3,4). A humildade serve à unidade. Quando consideramos os outros mais importantes que nós mesmos, colocamos nossos interesses de lado e servimos a eles. Abrimos mão de nosso apego pelo que desejamos e nos dedicamos mais ao próximo.

Paulo, então, reitera sua exortação: “Tende em vós o mesmo sentimento que houve em Cristo Jesus” (Fp 2.5). Que sentimento é esse? O sentimento que levou Cristo a não considerar o fato de ser igual a Deus algo a que devesse se apegar, mas, sim, a assumir a forma de servo; o sentimento que o

tornou disposto a obedecer até a morte, e morte de cruz. É esse o sentimento que Paulo nos exorta a ter (Fp 2.6-9).

Paulo exorta os filipenses a serem humildes em prol da unidade, imitando o Senhor, que humilhou a si mesmo para nos salvar. Essa passagem, em outras palavras, une doutrina e exortação da forma mais estreita possível. Recebemos a mente de Cristo, bem como seu exemplo e a comunhão com o Espírito (Fp 2.1,2,5), tudo porque ele se humilhou em sacrifício por nós (Fp 2.6-11). Em sua encarnação, humilhação e crucificação, Jesus nos considerou mais importantes que ele mesmo. Ele não atentou para seus próprios interesses, mas para os nossos. Ele não buscou seu próprio bem, mas o bem dos outros.

Esses ricos ensinamentos doutrinários, portanto, formam o padrão pelo qual devemos delinear a vida da igreja. Essas importantes reflexões sobre a obra de Cristo nos mostram os passos que devemos seguir. Jesus é nosso Salvador e nosso exemplo. Crescemos em humildade, um ingrediente essencial à unidade, quando pensamos no que Jesus fez por nós e em como ele nos chama a seguir pelo mesmo caminho.

Rivalidade e presunção são problemas que fazem parte da vida prática de uma igreja, contudo a solução das Escrituras não é simplesmente prática, e sim doutrinária. A encarnação de Cristo nos ensina humildade. A humilhação e a morte vicária de Cristo nos ensinam a colocar os interesses de nossos irmãos à frente dos nossos. Como Jesus não serviu a si mesmo, mas a nós, somos chamados a servir ao próximo.

A sã doutrina é o fundamento e a fonte da unidade da igreja; é o padrão para a unidade da igreja. Além disso, ela nos capacita a buscar, preservar e reparar essa unidade; ela nos vacina contra a discórdia, arrefece as chamas da rivalidade e nos ajuda a costurar as vestes de unidade da igreja que rasgamos com tanta facilidade.

A BUSCA DE UMA UNIÃO MAIS FORTE E FLEXÍVEL

Como vestes finas de pura seda, a unidade da igreja é tanto preciosa quanto delicada. Como diz o salmista: “Vede como é bom e agradável quando os irmãos vivem em união! [...] É como o orvalho do Hermom, que desce sobre os montes de Sião! Porque ali o SENHOR ordenou a bênção e a vida para sempre” (Sl 133.1,3). Ainda assim, como é fácil que a amargura suplante a doçura, que a discórdia substitua a harmonia e que facções tomem o lugar da amizade.

É por esse motivo que não devemos unificar nossas igrejas em torno de nada além do evangelho e das doutrinas que procedem dele e o permeiam. É muito fácil unirmos nossas igrejas em torno de outras coisas além da sã doutrina, como posições políticas, métodos de ensino, estilos musicais, alimentos orgânicos, tradições denominacionais ou praticamente qualquer outra coisa.

Na maior parte das igrejas, os membros terão muitas outras coisas em comum além da fé, mas é na fé das Escrituras que nossa união deve consistir. Ela deve ser a essência, o fundamento e a base da nossa unidade.

O teste para isso é avaliar se podemos amar irmãos e irmãs que confessem a mesma fé, ainda que discordem de nós quanto a política, opções de ensino, comidas que comemos ou preferências musicais. Somos capazes de colocar os interesses deles à frente dos nossos? Podemos aceitar irmãos e irmãs que estão unidos a nós na sã doutrina, mas que possuem uma cultura ou uma etnia diferente da nossa ou que defendem opiniões discrepantes acerca de quaisquer assuntos? Se isso não nos é possível, então nossa unidade não está baseada no evangelho e na sã doutrina, mas em preferências e tradições humanas.

A unidade da igreja é muitas vezes frágil porque não foi construída com a matéria-prima certa. A união em torno de costumes culturais e preferências pessoais é algo frágil: pressione-a, e ela se estilhaça. Mas a união em torno da sã doutrina é forte e flexível, como uma casa de toras robustas assentada sobre um alicerce sólido: quando uma tempestade a fustiga, ela pode oscilar e gemer um pouco sob o vento, mas se manterá sólida.

A sã doutrina é a essência e o centro da nossa unidade na igreja. Por isso,

devemos unificar nossas igrejas em torno da verdadeira doutrina bíblica, não de costumes culturais, visões políticas ou qualquer outra coisa.

UMA UNIDADE QUE DESAFIA EXPLICAÇÕES

Por meio do evangelho — e somente por meio do evangelho — nossas igrejas podem exibir uma unidade que confunde o mundo. Essa unidade, portanto, testemunha o poder do evangelho. Jesus orou para que seu povo fosse um, a fim de que o mundo acreditasse que Deus o enviara (Jo 17.20,21). A unidade da igreja exibe a sabedoria de Deus perante toda a criação, incluindo os principados celestiais (Ef 3.10).

A unidade da igreja movida pela doutrina desafia explicações humanas. Somente Deus pode entrelaçar em um só corpo judeus e gentios, escravos e livres, democratas e republicanos, os que preferem ensinar seus filhos em casa e os que os colocam em uma escola. E ele faz isso por meio do evangelho, pelo qual todo aquele que coloca sua confiança em Cristo é considerado justo e acolhido por seu povo.

Por isso, ore pela unidade da sua igreja. Busque-a, Preserve-a. Conserte-a quando houver algum dano. Faça isso voltando-se repetidamente para as grandes doutrinas das Escrituras, pois a sã doutrina existe para a unidade.

A SÃ DOUTRINA EXISTE PARA A ADORAÇÃO

Você já ficou “preso na história”? Trata-se do distúrbio causado pela leitura de um livro que é tão envolvente que você não consegue largá-lo.

Você fica acordado até muito tarde (“Vou só terminar este capítulo. E o próximo”) e negligencia tarefas (“O lixo pode esperar”) e pessoas importantes (“Desculpe, querida, você disse alguma coisa?”). De propósito ou sem querer, você se isola do resto do mundo até acabar o livro.

Quando acaba, você fica perambulando atordoado, ainda meio preso ao livro. Os personagens que lhe fizeram companhia por alguns dias agora assombram seus pensamentos à medida que você volta à vida real.

Na última vez em que fiquei preso na história, estava imerso em um longo romance quando deveria estar estudando para um curso intensivo de teologia. Por isso, precisei escapar das garras do livro por uma noite e ficar até tarde lendo um denso e árido compêndio sobre teólogos modernos. Eu dava cerca de três cochilos por página, e em todos eles uma coisa muito estranha acontecia: as palavras no livro de teologia se transformavam nos personagens e nos acontecimentos do romance que eu estivera lendo. Meu cérebro estava tão absorto na história, que ela forçava seu caminho até vir à tona em minha mente e se derramar nas páginas diante dos meus olhos.

É claro que ficar preso na história nem sempre é desejável. Um livro que vicia tem seu tempo e lugar, mas há muito mais tempo e lugar para manter um livro assim seguro na estante.

Contudo, em especial para um *nerd* como eu, há algo muito gratificante em ficar perdido nas páginas de um livro. Você fica totalmente concentrado, embora absolutamente relaxado; perfeitamente calmo, ainda que o suspense da história faça seu coração disparar.

Um livro certamente não é a única coisa que pode nos prender. Você já fez uma caminhada por uma montanha quando, logo após uma curva, a vista o deixou boquiaberto? Você já esteve tão absorto conversando com um amigo que, na primeira vez em que parou para olhar o relógio, já eram duas horas da manhã? Você já tocou uma música repetidas vezes e, depois da quinquagésima terceira repetição, percebeu que gosta dela ainda mais do que antes?

Há algumas coisas das quais não apenas gostamos, mas com as quais nos deliciamos. Coisas arrebatadoras. Coisas nas quais nos perdemos e que amamos.

A SÃ DOUTRINA EXISTE PARA A ADORAÇÃO

Muitos cristãos buscam esse tipo de experiência na adoração, sobretudo nos momentos de adoração coletiva na igreja. E isso não está de todo errado. A adoração a Deus deve mesmo prender nosso coração e nossa mente. Deve ser algo arrebatador.

Mas o problema é que, em especial quando se trata de adoração coletiva, podemos cair na armadilha de pensar que o propósito da adoração é termos uma experiência emocional intensa. Podemos ver a adoração principalmente como um momento para nos expressarmos, para nos soltarmos. Podemos até começar a pensar que a adoração, sinceramente, se refere a nós.

Contudo, é óbvio, sabemos que a adoração não se refere a nós, e sim a Deus. Salmos 29.2 nos diz: “Dai ao SENHOR a glória devida ao seu nome”. Adorar, conforme definido na Bíblia, é dar a Deus a glória que lhe é devida, por causa de quem ele é e por aquilo que fez por nós em Cristo. Adorar é prestar a Deus o culto, o louvor e a obediência que lhe são devidos. É por isso que a sã doutrina existe para a adoração.

A SÃ DOUTRINA É O COMBUSTÍVEL DA ADORAÇÃO

A sã doutrina funciona para a adoração como lenha para o fogo. Se você deseja uma chama crepitante que dure a noite inteira, deve montar uma pilha de lenha seca e de boa qualidade. Da mesma forma é a sã doutrina é o combustível que alimenta nossa adoração.

D. A. Carson disse: “O que deve tornar a adoração um deleite para nós não é, em primeiro lugar, sua inovação ou sua beleza estética, mas seu objetivo: o próprio Deus é encantadoramente admirável, e aprendemos a nos regozijar nele”.¹ A sã doutrina nos ensina a nos deleitarmos em Deus, pois nos mostra quão maravilhoso ele é. Ela coloca diante de nossos olhos as perfeições do seu caráter, a abundância de sua graça e a majestade de seu governo soberano sobre todas as coisas.

A sã doutrina nos diz por que devemos adorar a Deus, e, quando inteiramente absorvida por nosso coração, ela impulsiona e motiva nossa adoração.

Vemos isso por toda parte no livro de Salmos. Observe, por exemplo, o Salmo 95. Ele começa com uma emocionante convocação à adoração: “Ah, vinde, cantemos ao SENHOR, façamos um som alegre à rocha da nossa salvação! Entremos em sua presença com ações de graças; façamos um som alegre para ele com cânticos de louvor!” (v. 1,2).

O salmo, contudo, não apenas nos instrui a adorar, mas também nos diz por quê: “Porque o SENHOR é um grande Deus e Rei grande acima de todos os deuses. Nas suas mãos estão as profundezas da terra; as alturas dos montes lhe pertencem. Seu é o mar, pois ele o fez, e suas mãos formaram a terra seca” (v. 3-5). Você viu aquela palavra “porque” no início do versículo três? O salmo nos dá motivos para adorar a Deus. Ele fundamenta nosso louvor no mérito de Deus para ser adorado, que lhe é inerente. Devemos adorar a Deus, diz o versículo três, porque ele é grande. Ele é exaltado como Rei acima de todos os falsos “deuses”. Devemos adorar a Deus porque somente ele é o Rei soberano sobre toda a terra. Não há quem rivalize com Deus nos céus, e também não deve haver nada que rivalize com ele em nosso coração.

Os versículos 4 e 5 nos dão mais provas da grandeza de Deus. Eles nos lembram que Deus criou o mundo, sendo por isso seu dono. Do cume do mais alto monte às profundezas do mar, tudo pertence a ele. Sozinho, Deus criou a terra, e agora a sustenta e a governa.

Portanto, nós, como criaturas de Deus, temos o compromisso de derramar nosso coração perante ele em gratidão, adoração e reverente louvor. Devemos cantar para ele pela mesma razão que os anjos cantaram quando ele criou os céus e a terra: porque toda a criação é manifestação da glória, do poder, da sabedoria, da beleza e do fabuloso domínio de Deus.

Após isso, o salmo nos convoca novamente à adoração: “Oh, vinde, adoremos e prostremo-nos; ajoelhemo-nos diante do SENHOR, nosso Criador!” (v. 6). E, mais uma vez, nos dá motivos para adorar: “Porque ele é o nosso Deus, e nós somos povo do seu pasto e ovelhas de sua mão” (v. 7a). Deus é o *nosso* Deus. Ele assumiu um compromisso conosco de nos fazer o bem (Jr 32.40). E ele nos tomou para si, fez de nós o seu povo e é nosso Pastor (Sl 23.1-6; 100.3). Ele se importa pessoalmente com cada um de nós e nos alimenta com suas próprias mãos. As mesmas mãos onipotentes que sustentam colinas de granito também tomam conta de nós, sustentando-nos e gentilmente nos guiando no caminho que devemos seguir. O majestoso e grandioso soberano sobre todas as coisas se inclinou até nós.

As Escrituras ensinam que Deus nos resgatou do nosso pecado, reconciliando-nos consigo e comprometendo-se a cuidar de todas as nossas necessidades, agora e para sempre. Tudo isso é motivo para louvá-lo, adorá-lo, celebrar diante dele com júbilo e nos curvamos perante ele em submissão e obediência. Tudo isso é o que a Bíblia denomina “adoração”. E tal adoração, como mostra o Salmo 95, é alimentada pela sã doutrina.

A SÃ DOUTRINA NOS ENSINA A ADORAR

A sã doutrina, contudo, não existe para a adoração apenas como o combustível para o fogo, mas é também como o roteiro de uma peça. Em sua Palavra, Deus nos ensina sobre como devemos adorá-lo. A sã doutrina — especificamente o ensino correto de como devemos adorar a Deus — possibilita uma adoração que lhe é agradável.

Por toda a Escritura, Deus mostra repetidamente que se importa com nossa forma de adorá-lo. Quando ele chamou Israel para si e lhe deu sua lei, disse aos israelitas que não adorassem outros deuses e determinou que não adorassem a *ele* por meio de imagens (Êx 20.2-6; Dt 4.15-18; 12.31). Como esclarece Ligon Duncan: “Isso nos lembra que há duas formas de se cometer idolatria: adorar qualquer outra coisa que não o Deus verdadeiro ou adorar o Deus verdadeiro da maneira errada”.² Além disso, Deus mandou que os israelitas tomassem cuidado para não adicionar nem retirar nada das orientações que ele dera sobre como deviam adorá-lo (Dt 12.29-32). Até os desvios aparentemente mais leves dos planos revelados por Deus para a adoração trouxeram sérias consequências (1Sm 15.22; 2Sm 6.5-7). Desde o início, Deus sempre se preocupou com o “como” da adoração.

No entanto, isso ocorria com Israel sob a antiga aliança. E quanto à igreja sob a nova aliança? Como cristãos, a forma e a essência de nossa adoração certamente diferem de como a adoração a Deus foi ordenada a Israel, mas Deus não se preocupa menos com o modo pelo qual o adoramos. É verdade que o Novo Testamento não apresenta um modelo organizado de culto a ser seguido por todas as igrejas, mas informa, seja por determinação seja por exemplo, o que fazer em nossas reuniões. Devemos ler e pregar a Bíblia (1Tm 4.13; 2Tm 4.2); orar (1Tm 2.8); cantar salmos, hinos e canções espirituais (Ef 5.18,19; Cl 3.16,17); e celebrar a ceia do Senhor e o batismo (Mt 28.19; 1Co 11.23-26).

O Novo Testamento também fala sobre *como* devemos adorar. Devemos adorar a Deus com um coração grato (Cl 3.17), com reverência (Hb 12.28,29), em união (Rm 15.6), em Espírito e em verdade (Jo 4.24), de maneira organizada (1Co 14.40) e de forma a edificar todo o corpo (1Co 14.12,26).

Nossa adoração coletiva, aliás, também possui uma dimensão horizontal. Quando cantamos, por exemplo, não nos dirigimos apenas a Deus, mas também uns aos outros (Ef 5.18,19; Cl 3.16,17). A adoração coletiva não se refere ao exercício de sua devoção pessoal em conjunto com centenas de outras pessoas num salão, mas à edificação do corpo de Cristo, inclusive enquanto louvamos a Deus.

É claro que a adoração não se limita ao que fazemos na igreja. Paulo nos diz que toda a nossa vida deve ser oferecida como sacrifício de adoração a Deus (Rm 12.1,2). Mas quer falemos sobre a adoração coletiva ou sobre a adoração em “toda nossa vida”, as Escrituras trazem muitas informações sobre o *que*, o *porquê* e o *como*.

Para adorar a Deus da maneira correta, precisamos saber como ele quer ser adorado, e isso ele nos revela em sua Palavra. A sua doutrina, portanto, nos ensina a adorar. Ela nos treina para seguir um roteiro de adoração escrito pelo próprio Deus.

A SÃ DOUTRINA MOLDA, ALIMENTA, ENSINA E MOTIVA NOSSA ADORAÇÃO

O que isso significa para nossa vida e para nossas igrejas?

Em primeiro lugar, se a sã doutrina serve para a adoração, ela deve moldar o conteúdo e até o estilo de nossa adoração. Deus nos disse como devemos adorá-lo, então devemos fazer o que ele diz. E o “como” da adoração deve ser sempre filtrado pelo caráter de Deus. É claro que uma vasta gama de estilos e expressões culturais pode glorificar a Deus, mas a primeira coisa que sempre devemos perguntar, por exemplo, sobre uma música de adoração específica, não é se o estilo dela nos agrada, mas se ela honra a Deus. E isso é uma questão principalmente —mesmo que não exclusivamente— de conteúdo da letra.

Em segundo lugar, como é a sã doutrina que alimenta a adoração, nossos cultos coletivos de adoração (e vida privada devocional) devem constantemente se alimentar dela. Cristãos são movidos a adorar quando se impressionam com a grandeza e a glória de Deus, além da maravilhosa salvação que ele realizou para nós. As igrejas, portanto, devem entoar canções e hinos ricos em doutrina e repleto das Escrituras. Devemos ler a Bíblia coletivamente, como mandam as Escrituras (1Tm 4.13), o que em si já é um ato de adoração. E nossas orações, a exemplo das orações bíblicas, devem estar repletas de reflexões sobre quem Deus é e sobre aquilo que ele realizou por nós em Cristo. Em resumo, nossa adoração deve estar transbordando de sã doutrina até a borda.

Em terceiro lugar, a sã doutrina deve ensinar e explicar a adoração. Por que oramos e louvamos a Deus? Por que ouvimos a Palavra de Deus? Por que celebramos a ceia do Senhor? A sã doutrina nos lembra o porquê de adorarmos a Deus e ilumina nossos atos de adoração. Sem a luz direta da sã doutrina sobre ela, a adoração pode se tornar obscura e ininteligível. Na adoração, nossa mente e nosso espírito devem estar igualmente engajados (1Co 14.15). Para isso, aqueles que lideram o culto devem explicar por que fazemos o que fazemos. A sã doutrina deve formar o alicerce que permite que cada adorador se envolva com um coração entregue e uma mente esclarecida.

Em quarto lugar, a sã doutrina deve motivar a adoração. Tal qual o amor, que é um componente essencial da adoração, adorar é uma resposta a Deus, a

quem ele é e ao que ele fez por nós. Portanto, os líderes da igreja devem motivar o povo a adorar, e fazem isso ao proclamar a sã doutrina. Se você quer que suas ovelhas louvem a Deus, mostre a elas a grandeza de Deus. Se deseja que elas glorifiquem a Deus, mostre-lhes a glória de Deus. Se quer que elas se prostrem diante de Deus em devota submissão, então regozije-se em seu governo soberano ao pregar e ensinar.

A adoração não é um estado de êxtase emocional a ser estimulado, nem um estado zen da mente que pode ser alcançado com relaxamento. Ela é uma reação do nosso coração, da nossa mente, da nossa alma e das nossas forças a Deus, a seu ser glorioso e a seus atos de poder. Não estimulamos a adoração ao nos concentrar nela, mas ao encher os olhos da mente com uma visão panorâmica da beleza e da santidade de Deus.

Isso significa que não é a música que impulsiona nossa adoração. A música — e por música me refiro ao canto congregacional — é, sim, um veículo para nossa adoração. Contudo, se seu coração e sua mente não estiverem reagindo à inexprimível majestade de Deus, você não está adorando, por mais apaixonante que seja a experiência musical de que está desfrutando.

Aliás, a adoração é ainda menos dependente da música instrumental que acompanha nosso canto. A música instrumental na igreja deve *apoiar* o canto da congregação, mas não é um estilo específico de música que libera nossa adoração; a chave para isso é a majestade de Deus.

A sã doutrina deve conduzir a essência e o estilo de nossa adoração. Ela deve preencher o conteúdo de nossa adoração e motivá-la, visto que a adoração é sempre uma reação à glória e à graça de Deus.

COMO ENTREGAR-SE À ADORAÇÃO

Devemos nos entregar à adoração, mas não do modo como algumas vezes imaginamos.

Você não fica preso em uma história ao atentar se está ou não tendo uma experiência gratificante com a leitura. Na verdade, você fica preso quando a história é tão envolvente, que você se esquece de si mesmo e de quanto tempo passou lendo-a.

Você não fica maravilhado com a vista do pico de uma montanha se ficar olhando para os seus sapatos. Os sapatos podem tê-lo levado até ali, mas foi por causa da vista que você foi para lá.

Você não se entrega à adoração tentando se entregar à adoração. Em vez disso, busque glorificar a Deus como ele merece e deseja. Tudo o que você precisa para isso é uma mente e um coração cheios da verdade sobre ele. Quanto mais você absorve a doutrina, mais atinge as chamas da adoração.

A revelação da Bíblia sobre o caráter de Deus e sua obra salvífica fornece combustível e um roteiro para a adoração. Ela molda, alimenta, ensina, conduz e motiva nossa adoração.

A doutrina existe para a adoração.

¹D. A. Carson, “Worship under the Word”, in: D. A. Carson, org., *Worship by the Book* (Grand Rapids: Zondervan, 2002), p. 30.

²J. Ligon Duncan III, “Does God care how we worship?”, in: Philip Graham Ryken; Derek W. H. Thomas; J. Ligon Duncan III, orgs., *Give praise to God: a vision for reforming worship* (Phillipsburg: P&R, 2003), p. 33. Grande parte do que digo nestas páginas foi extraído desse excelente capítulo.

A SÃ DOUTRINA EXISTE PARA O TESTEMUNHO

Um antigo professor meu de música tinha uma placa na porta de sua sala na qual se lia: “A páticra lleva a perfeção”. Logo abaixo, estava escrito: “A prática lleva à perfeção”. A frase ia ficando cada vez mais limpa, letra por letra, até que, finalmente, lia-se: “A prática leva à perfeção”.

“A prática leva à perfeção” é um ditado bastante batido, mas é por isso que funciona. A prática pode ser repetitiva, incômoda e tediosa, mas é essencial ao aprimoramento. Ela exige disciplina, força de vontade e muito empenho, mas a compensação pode ser enorme — e é bem pouco provável que se consiga melhorar de qualquer outra forma.

Quando eu era músico em tempo integral, algumas vezes ficava praticando por três ou quatro horas durante a tarde, antes de passar a noite me apresentando. Em algumas dessas noites, eu começava a sentir o saxofone como uma extensão de mim mesmo. Com as longas horas de prática, minha mente passou a se conectar ao instrumento como se ele fosse parte do meu corpo. Por viver diariamente no mundo das notas, eu conseguia falar seu idioma com maior fluência no palco à noite.

Para um músico de jazz, a prática é essencial em diversos aspectos. Ela o ajuda a dominar as exigências técnicas do instrumento e permite que ele memorize a melodia e a progressão de acordes que formam a estrutura sobre a qual improvisa. Com ela o músico constrói um vocabulário no qual busca inspiração para dizer coisas novas, tal como com um vocabulário verbal. A prática do vocabulário do jazz dá ao instrumentista a matéria-prima que ele remodela e combina em algo novo todas as vezes que se apresenta. Por isso, quanto mais ele pratica, mais espontânea será sua apresentação.

A PRÁTICA DA EVANGELIZAÇÃO COM MARTINHO LUTERO

Durante meu segundo ano na universidade, tive uma experiência surpreendentemente semelhante com a evangelização.

Há alguns anos vinha me reunindo com vários estudantes cristãos para compartilhar o evangelho em nosso ensolarado *campus* do Sul da Califórnia. Certa vez, antes da reunião, eu havia passado umas duas horas lendo o texto clássico de Martinho Lutero *A escravidão da vontade*.¹ Trata-se de uma exposição firme e brilhante do ensinamento bíblico de que, afastada de Cristo, nossa vontade é escrava do pecado, de forma que somente a soberana graça de Deus pode nos libertar.

Assim que encontrei meus amigos, separamo-nos em duplas e saímos para caminhar e conversar. Em pouco tempo, iniciei uma conversa com um amável estudante de filosofia. Após compartilhar o evangelho com ele, as primeiras palavras que saíram de sua boca foram: “E quanto ao livre-arbítrio?”.

Pensei comigo mesmo: “Curioso você perguntar isso!”. Então expliquei que a Bíblia responsabiliza as pessoas por suas ações, pois somos moralmente conscientes e responsáveis. Ainda assim, nossa vontade está totalmente entregue ao pecado. Somos escravizados por ele. Abandonadas a si mesmas, as pessoas sempre escolhem o pecado e rejeitam a Deus. Precisamos de Deus para nos salvar.

As duas horas que passei lendo teologia durante a tarde acabaram se revelando uma prática de evangelização. Eu não estava ciente disso naquele momento, mas minha leitura acabou sendo bastante útil e de uma forma bem prática.

Compartilhar o evangelho naquele dia foi como apresentar-me à noite depois de passar toda a tarde praticando. As palavras surgiam com mais naturalidade e eu me sentia mais confortável que o normal ao me expressar. Eu me sentia mais confiante em responder àquelas questões específicas sobre as Escrituras.

Naquela tarde, a *sã* doutrina informou, capacitou e equipou meu testemunho do evangelho. Ela me capacitou a apresentar a verdade bíblica a

um cético. Colocou em minhas mãos versículos e argumentos bíblicos que, de outra forma, estariam fora de alcance.

Assim como a prática está para uma apresentação artística, a sã doutrina está para o testemunho.

A SÃ DOUTRINA EXISTE PARA O TESTEMUNHO

Por “testemunho” refiro-me principalmente à evangelização. Evangelizar é compartilhar as boas-novas a respeito de Jesus com aqueles que não creem nele; é chamá-los para que abandonem o pecado e coloquem sua fé em Cristo. E que boas-novas são essas? Aqui estão elas em quatro partes:

- *Deus*: O único e verdadeiro Deus, que é santo (Is 6.1-7), fez-nos à sua imagem para o conhecermos e o glorificarmos (Gn 1.26-28).
- *Homem*: Nós, porém, pecamos e nos separamos de Deus, de modo que a ira dele está sobre nós por causa de nosso pecado (Gn 3; Rm 1.18; 3.23).
- *Cristo*: Em seu grande amor, Deus enviou seu Filho Jesus para vir como Rei e resgatar seu povo de seus inimigos, mas especialmente de seu próprio pecado (Sl 2; Lc 1.67-79). Jesus estabeleceu seu reino atuando tanto como um sacerdote mediador quanto como um sacrifício vicário: viveu uma vida perfeita e morreu na cruz, cumprindo assim em si mesmo a lei de Deus e tomando sobre si a punição pelos pecados de muitos (Mc 10.45; Jo 1.14; Rm 3.21-26; 5.12-21; Hb 7.26). Depois ele ressurgiu dentre os mortos, demonstrando que Deus aceitou seu sacrifício e que sua ira contra nós havia sido satisfeita (At 2.24; Rm 4.25).
- *Reação*: Deus, agora, chama todos a se arrepender de seus pecados e a confiar somente em Cristo para obter perdão (Jo 1.12; At 17.30). Se nos arrependemos de nossos pecados e confiamos em Cristo, renascemos para uma vida nova e eterna com Deus (Jo 3.16).

O evangelho é essa mensagem de salvação por meio de Cristo. Evangelizar, ou “testemunhar”, é repassar essa mensagem às demais pessoas e exortá-las a crer.

Portanto, por que afirmo que a sã doutrina existe para o testemunho? Em primeiro lugar, evangelho é doutrina. E a doutrina, lembre-se, é apresentar a Bíblia em nossas próprias palavras. Como cristãos, queremos saber como transportar para uma conversa do dia a dia a verdade bíblica sobre quem Deus é, quem nós somos, o que Jesus fez para nos salvar e que reação ele nos chama a ter. Se abolirmos a doutrina, estaremos abolindo o evangelho e a evangelização. A sã doutrina (a doutrina do evangelho) é o conteúdo do nosso testemunho.

SÃ DOUTRINA: A HISTÓRIA E A COSMOVISÃO QUE EMOLDURAM O EVANGELHO

A sã doutrina também é relevante para a evangelização porque nos capacita a explicar o evangelho de forma mais plena. Como? Ela nos ensina a história que o evangelho cumpre e completa e a cosmovisão na qual o evangelho faz sentido.

Pense na importância de compreender toda a história bíblica que o evangelho completa: as narrativas da Criação e da Queda, o Êxodo, a conquista da terra por Israel, os juízes e os reis, o Exílio de Israel da terra e a restauração prometida. Quanto melhor conhecermos essa história, melhor compreenderemos o evangelho, que é o cumprimento dessa história. Isso é especialmente importante na evangelização de pessoas que possuem algum conhecimento das Escrituras, como aquelas que têm uma formação cristã, mas jamais se arrependeram de seus pecados nem confiaram em Cristo. Quando alguém tem uma compreensão básica do enredo bíblico, podemos aproveitar esse conhecimento e demonstrar como todos os relatos das Escrituras encontram seu sentido definitivo no evangelho.

O apóstolo Paulo fez exatamente isso em sua própria evangelização, em especial com os judeus. Ele inseriu as boas-novas sobre Jesus no contexto de toda a história da Bíblia. Falando em uma sinagoga judaica, Paulo contou acerca de como Deus resgatou Israel do Egito, deu-lhes a terra de Canaã, estabeleceu juízes e reis para governá-los e prometeu-lhes que o filho de um desses reis, Davi, reinaria para todo o sempre (At 13.17-22). Depois, ele declarou: “Da descendência desse homem Deus trouxe a Israel um Salvador, Jesus, como havia prometido” (At 13.23). Em seguida, Paulo explicou como a vida, a morte e a ressurreição de Jesus cumpriram tudo o que Deus prometeu no Antigo Testamento (v. 26-37). Ele, então, concluiu: “Saibam, portanto, irmãos, que por meio dele vos é proclamado esse perdão dos pecados, e por meio dele todo aquele que crê é justificado de todas as coisas de que não pudestes ser justificados pela lei de Moisés” (v. 38,39). E ele os alertou para que não desprezassem essa mensagem (v. 40,41).

Também para nós, hoje, é importante acima de tudo compreender a história das Escrituras, a fim de compreender o evangelho, bem como explicá-lo aos outros.

A sã doutrina também nos fornece, além da história, a cosmovisão (visão de mundo) que emoldura o evangelho. Vemos isso em outro discurso evangelístico de Paulo. Dessa vez, o apóstolo se dirigiu ao Areópago, o conselho intelectual de Atenas, formado por um grupo de filósofos gregos politeístas (At 17.22-34). Ele começa falando de Deus. As divindades gregas eram imprevisíveis e carentes, diferentemente de Deus — explicou Paulo. O verdadeiro Deus é o Criador e Senhor de todas as coisas; ele é perfeito em si mesmo e nada lhe falta. Portanto, ele não precisa que supramos seus desejos por meio de sacrifícios (v. 22-25).

Em seguida, Paulo passou à origem e à natureza da humanidade. Os gregos acreditavam pertencer a uma raça de homens diferenciada e superior. Paulo, contudo, desconstruiu essa visão ao explicar que todas as pessoas são criadas por Deus e descendem de um só homem. Além disso, Deus não se coloca à parte da humanidade, mas dá vida, sustenta a vida e determina as circunstâncias de nossa vida (At 17.26-28).

Em vista disso tudo — Paulo continua —, todas as pessoas têm a obrigação de servir a Deus. Somos a descendência de Deus, e não nos cabe cometer idolatria. Deus foi paciente com a humanidade por muito tempo, mas agora chama todas as pessoas ao arrependimento, porque chegará o dia em que ele julgará todas as pessoas “por meio de um homem a quem designou; e isso ele garantiu a todos ao ressuscitá-lo dentre os mortos” (At 17.31). Nesse momento do discurso, alguns zombaram, mas alguns vieram a crer (v. 32-34).

Com base no resumo de Lucas, não fica claro se Paulo de fato explicou a mensagem da morte e ressurreição de Jesus ou se mal chegou a mencionar a ressurreição e foi imediatamente interrompido. Para nossos propósitos, contudo, vale a pena observar que as doutrinas que Paulo pregou àqueles gregos traziam uma cosmovisão na qual o evangelho faz sentido. Você não buscará um salvador a menos que saiba que precisa de salvação. Você não saberá que precisa de salvação até que fique face a face com o Deus a quem deve prestar contas. Portanto, Paulo volta lá no início e explica quem Deus é, quem nós somos e quais são nossas obrigações para com Deus.

Atos 17 é um estudo de caso acerca da importância da sã doutrina para a evangelização. Paulo acumula tantas verdades doutrinárias em seu discurso, que é difícil enumerar todas:

- a existência, o senhorio e a autossuficiência do único e verdadeiro Deus (v. 24-28);

- a criação de todo o universo por Deus (v. 24);
- a criação especial do homem por Deus e a unidade da raça humana (v. 26);
- o domínio providencial de Deus sobre toda a história e sobre cada vida humana (v. 26-28);
- a responsabilidade do homem de servir corretamente a Deus (v. 29,30);
- a necessidade de as pessoas se arrependerem para poderem receber a misericórdia de Deus (v. 30);
- a ressurreição de Jesus Cristo (v. 31);
- o juízo final de Deus sobre todas as pessoas (v. 31); e
- o senhorio de Jesus Cristo (v. 31).

Aprendemos com o discurso de Paulo em Atos 17 que a sã doutrina é útil para o testemunho, no sentido de que ela proporciona uma cosmovisão que emoldura o evangelho. A sã doutrina nos dá o preâmbulo necessário à mensagem sobre o que Jesus fez para salvar os pecadores.

A lição que fica para nós é esta: quando estiver evangelizando alguém que não dispõe de um conhecimento mínimo das Escrituras, use a sã doutrina para estabelecer o contexto. Use a sã doutrina para firmar os alicerces e o arcabouço do evangelho. Use-a para mostrar às pessoas por que em primeiro lugar elas precisam ser salvas.

A sã doutrina nos apresenta a história que encontra seu cumprimento no evangelho e a cosmovisão que nos capacita a compreendê-lo. A sã doutrina emoldura o evangelho, ajudando-nos a explicá-lo e a decifrá-lo. A sã doutrina existe para o testemunho.

A SÃ DOUTRINA MOTIVA, LIBERTA, ENCORAJA, RENOVA E FORTALECE NOSSO TESTEMUNHO

A sã doutrina também motiva nosso testemunho. Como? Quanto melhor conhecermos o evangelho, mais motivados ficaremos para compartilhá-lo. Quanto mais profundamente conhecermos o amor de Cristo por nós, mais seu amor nos constrangerá a falar sobre ele com os outros (2Co 5.14). Conhecer a sã doutrina também nos dá confiança para testemunhar. Quanto maior for nosso conhecimento do evangelho, mais prontos seremos em compartilhá-lo com as outras pessoas.

A sã doutrina também nos liberta da falsa culpa na evangelização. As Escrituras nos ensinam que somente Deus pode mudar a mente e o coração das pessoas. Somente Deus pode dar vida aos mortos (Ef 2.1-10) e vista aos cegos (2Co 4.3-6). Nosso trabalho é pregar o evangelho, apelar para que as pessoas se arrependam e orar para Deus agir. Apenas isso. Não temos como obrigar ninguém a crer no evangelho. Muitas pessoas não evangelizam porque se sentem intimidadas com a ideia de tentar convencer alguém a se tornar cristão, mas a sã doutrina remove esse fardo de culpa. Não podemos fazer com que ninguém se torne coisa alguma. Tudo o que podemos fazer — e devemos fazer — é pregar o evangelho e orar a Deus para que salve as pessoas.

E a sã doutrina encoraja nosso testemunho. Algumas pessoas pensam que a doutrina da eleição — de que Deus, por pura graça, escolheu aqueles que serão salvos — é um desestímulo à evangelização, mas vemos exatamente o oposto disso nas Escrituras. Por exemplo, logo após examinar mais profundamente essa doutrina em Romanos 9, em Romanos 10 Paulo faz um chamado ousado à evangelização: “Como, pois, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem não ouviram falar? E como ouvirão, se não há quem pregue?” (Rm 10.14). Semelhantemente, lemos em Atos 18 sobre como o Senhor incentivou Paulo em sua evangelização, dizendo: “Não tenhas medo, mas continua a falar e não te cales, porque estou contigo, e ninguém te atacará para te fazer mal, pois tenho muitos nesta cidade, que são o meu povo” (At 18.9,10). Saber que Deus escolhera muitas pessoas para a salvação na cidade de Corinto fez com que Paulo pregasse de forma ousada e sem medo. A doutrina da eleição encoraja nosso testemunho.

Por fim, a sã doutrina — e em particular a doutrina da eleição — renova nosso compromisso e fortalece nossa determinação quando enfrentamos fracassos ou perseguições. Ao ponderar sobre seu próprio cativo, Paulo diz: “Mas a palavra de Deus não está presa! Por isso, tudo suportar por amor dos eleitos, para que também eles alcancem a salvação que está em Cristo Jesus com glória eterna” (2Tm 2.9,10). Se pelo bem daqueles que Deus tinha escolhido Paulo enfrentou provações como a prisão e seguiu pregando o evangelho com dedicação, nós devemos fazer o mesmo. A doutrina da eleição alimentava a perseverança de Paulo na evangelização, e o mesmo deve ocorrer conosco. A sã doutrina existe para o testemunho.

OS FRUTOS DA SÃ DOCTRINA ADORNAM E FORTALECEM O TESTEMUNHO DE NOSSAS IGREJAS

Este livro versa inteiramente sobre como a sã doutrina gera vidas piedosas e igrejas saudáveis. Ele trata dos frutos que a sã doutrina produz na igreja, incluindo santidade, amor, unidade e adoração. Todos esses frutos contribuem para nosso testemunho do evangelho, não só como indivíduos, mas especialmente como igrejas locais. Esses frutos da sã doutrina adornam nosso testemunho como uma moldura adorna um quadro ou como uma joia adorna uma mulher (Tt 2.10).

Santidade: Pedro nos exorta a ser santos e a manter uma conduta respeitável entre os não cristãos, para que, ao verem nossas boas obras, “glorifiquem a Deus no dia da visitação” (1Pe 2.11,12; veja também Mt 5.13-16). Nossa santidade testifica o poder do evangelho e faz com que as pessoas glorifiquem a Deus.

Amor: Jesus ordenou: “Assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros. Por isso todos saberão que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns pelos outros” (Jo 13.34,35). Nosso amor por nossos irmãos na fé demonstra o amor de Cristo para o mundo. Ele mostra ao mundo um amor que só é possível por meio de Cristo e, assim, enaltece o evangelho.

Unidade: Jesus orou por seus discípulos (nos quais estamos incluídos): “Eu não rogo somente por estes, mas também por aqueles que hão de crer em mim por meio da palavra deles, para que todos sejam um; assim como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, que também eles estejam em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste” (Jo 17.20,21). A unidade de nossas igrejas apresenta uma imagem do evangelho a um mundo sempre atento. Nossa unidade mostra ao mundo que Jesus de fato veio de Deus e isso implicitamente convida o mundo a confiar nele.

Adoração: A adoração de nossas igrejas também possui poder evangelístico. Ao falar sobre a proclamação coletiva da Palavra por todos os membros da igreja, Paulo diz: “Mas, se todos profetizarem, e algum incrédulo ou alguém de fora entrar, será convencido e chamado por todos a prestar contas; os segredos de seu coração se revelarão e, assim, prostrando-

se com o rosto em terra, adorará a Deus, declarando que Deus está realmente no meio de vós” (1Co 14.24,25). Nossa adoração proclama a realidade de Deus, e ela pode e deve ter um efeito poderoso sobre os incrédulos que a presenciam.

A sã doutrina possibilita a santidade, o amor, a unidade e a adoração, e tudo isso engrandece e adorna o testemunho que a igreja dá do evangelho.

Apesar de essas coisas terem impacto inegável sobre a vida de cada indivíduo, todos esses frutos da sã doutrina se manifestam de forma mais rica na vida de toda a igreja. O amor e a unidade são inerentemente coletivos, e a santidade e a adoração alcançam sua expressão máxima à medida que incorporamos de forma conjunta. Isso significa que nosso testemunho cristão consiste em mais do que evangelização individual: ele envolve toda a vida da igreja. Uma igreja caracterizada por santidade, amor, unidade e adoração é um testemunho poderoso do evangelho; ela adorna o evangelho e serve como um espelho para ele, exibindo seu poder transformador para que todos o vejam. E a sã doutrina molda, renova e habilita a vida e o testemunho coletivo da igreja.

EQUIPE, MOTIVE E CULTIVE O TESTEMUNHO DE SUA IGREJA POR MEIO DA SÃ DOCTRINA

Por isso, pastores, equipem seu povo para a evangelização alimentando-o com a sã doutrina. Ensinem repetidamente o evangelho, para que as pessoas o saibam de cor.² Estabeleçam constantemente uma relação entre outras doutrinas bíblicas e o evangelho, de modo que seu povo possa explicar a cosmovisão cristã de forma integral aos amigos ateus e muçulmanos.

Além disso, motivem seu povo a evangelizar por meio da proclamação da doutrina do evangelho. Devemos nos sentir culpados por não evangelizar, mas a culpa não nos levará muito longe e não durará muito. Por isso, proclamem com ousadia o amor de Cristo por seu povo, até que esse amor encha o coração dos fiéis e transborde para seus amigos e conhecidos.

E mais, cultivem com dedicação o testemunho coletivo da igreja. A vida coletiva de sua igreja poderá endossar ou contradizer o evangelho que for pregado; poderá exaltar a reputação de Cristo ou difamá-lo. Sua igreja é muito mais que a soma de suas partes: trata-se de um espelho que serve para refletir a glória de Deus no evangelho, uma estação de transmissão que engrandece e transmite a mensagem da cruz.

Por fim, utilizem o testemunho coletivo de sua igreja na evangelização. Ensinem a seu povo que a igreja é o programa evangelístico de Jesus. Mantendo uma clara linha divisória entre a igreja e o mundo, convidem não cristãos para vivenciar, eles mesmos, a vida coletiva em sua igreja. Deixem que vejam a luz e saboreiem o sal que há nela (Mt 5.13-16).

SÃ DOUTRINA: VOCABULÁRIO PARA A IMPROVISAÇÃO EVANGELÍSTICA

Ao contrário da improvisação no jazz, a mensagem do evangelho é a mesma todas as vezes que a pregamos. Porém, como em uma apresentação de jazz, cada diálogo de evangelização será distinto, forçando-nos a pensar rápido e improvisar.

Portanto, devemos estar sempre aprendendo o “vocabulário” do evangelho. Não me refiro apenas aos termos teológicos usados em relação ao evangelho, apesar de serem de grande importância; refiro-me, mais exatamente, à mensagem do evangelho em si e a todas as doutrinas bíblicas que a apoiam, estão conectadas a ela, emolduram-na e lhe dão sentido.

Quanto melhor conhecermos o evangelho, melhor o compartilharemos. E quanto mais nossa vida e nossas igrejas se conformarem à sã doutrina, mais endossaremos o evangelho que proclamamos. A sã doutrina existe para o testemunho.

¹Resumo publicado no Brasil sob o título *Nascido escravo* (São Paulo: Fiel, 1992). (N. do T.)

²Duas ferramentas úteis para isso são o livro de Greg Gilbert, *What is the Gospel?* (Wheaton: Crossway, 2010) [edição em português: *O que é o evangelho?* (São Paulo: Fiel, 2011)] e o recurso evangelístico de Phillip D. Jensen e Tony Payne *Two ways to live: know and share the Gospel* (Kingsford: Matthias Media, 1989) [edição em português disponível em: <https://www.matthiasmedia.com.au/2wtl/portuguese/>, acesso em: 30 mar. 2016].

Posfácio

A SÃ DOCTRINA EXISTE PARA A ALEGRIA

A sã doutrina é a força vital da igreja. Ela molda e orienta o ensino da igreja; nutre a santidade; promove o amor; fundamenta e repara a unidade; possibilita a adoração; e informa e motiva nosso testemunho do evangelho.

Longe de ser uma atividade secundária opcional ou uma distração do verdadeiro trabalho da igreja, a sã doutrina é essencial à vida da igreja. Ela nos fornece um mapa para ter uma vida que agrada a Deus e edificar igrejas das quais Deus se agrada. Ela coloca diante de nós o caminho para uma vida piedosa e fornece um roteiro para a vida cristã, a melodia da música que dançamos.

E o objetivo da sã doutrina é que nós, juntamente com todos os santos, glorifiquemos a Deus e nos regozijemos nele. Em sua última noite com os discípulos, referindo-se a todo o ensino que deu a eles, Jesus disse: “Essas coisas vos tenho falado para que a minha alegria esteja em vós, e a vossa alegria seja completa” (Jo 15.11). Jesus ensinou a seus discípulos ricas verdades doutrinárias para que sua própria alegria subsistisse neles e para que a alegria deles fosse plena.

Ao revelar as riquezas da graça de Deus para conosco, a sã doutrina nos traz luz, esperança e alegria. Ela preenche nosso coração, deixando-nos satisfeitos em Cristo por causa do que ele fez por nós. A sã doutrina existe para a alegria.

No início de sua primeira carta, o apóstolo João atesta ter sido uma testemunha ocular do Filho, e então faz eco às palavras de Jesus, dizendo: “E estamos escrevendo estas coisas para que a vossa alegria seja completa” (1Jo 1.4). A alegria de João na verdade precisava propagar-se para outros fiéis — caso contrário, teria sido incompleta.

O mesmo serve para nós. A sã doutrina deve moldar nossa vida, e nossa vida deve ser moldada pela igreja, além de ajudar a moldar a igreja. A alegria que temos em Deus por meio da sã doutrina se torna completa quando a compartilhamos com nossos irmãos e nossas irmãs na comunhão da igreja.

Quer se alegrar em Deus? Então dedique-se a estudar a sã doutrina e a viver a vida ensinada por ela. E faça tudo isso junto aos demais membros de sua igreja. Você descobrirá que, conforme sua alegria em Deus transbordar para os outros, ela crescerá cada vez mais plena.

A sã doutrina existe para a vida — a vida na igreja, a vida da igreja e a vida por vir.

9Marcas

Construindo Igrejas Saudáveis

9Marcas existe para munir os líderes da igreja com uma visão bíblica e recursos práticos, a fim de demonstrarem a glória de Deus às nações por meio de igrejas saudáveis.

Com esse fim, queremos ver as igrejas sendo caracterizadas por estas nove marcas de saúde:

- 1 Pregação expositiva
- 2 Teologia bíblica
- 3 Entendimento bíblico do evangelho
- 4 Entendimento bíblico da conversão
- 5 Entendimento bíblico da evangelização
- 6 Entendimento bíblico da membresia na igreja
- 7 Disciplina bíblica na igreja
- 8 Discipulado bíblico
- 9 Liderança bíblica na igreja

Encontre mais informações no site <http://pt.9marks.org>.



EVANGELIZAÇÃO É MAIS QUE UM PROGRAMA

Passam-se alguns anos e as igrejas continuam se lançando à mais recente moda evangelística. Os líderes administram o novo programa, e os membros põem a mão na massa. Mas imagine uma igreja em que a evangelização simplesmente faça parte da cultura da igreja. Os líderes estão sempre compartilhando a fé e o fazem abertamente. Os membros os seguem, incentivando uns aos outros a tornar a evangelização uma forma da vida.

Esse é o conceito de evangelização apresentado nesse livro pequeno, mas impactante. A questão aqui não é oferecer programas. Antes, ele apenas deseja propor à sua igreja uma nova maneira de viver e compartilhar o evangelho.

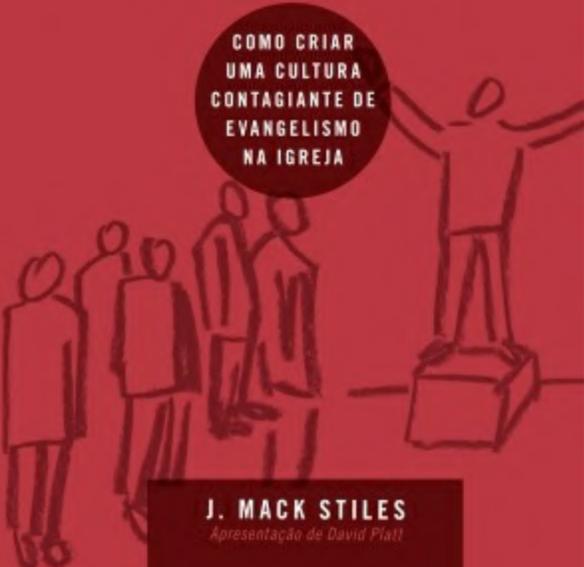
IX

9Marcas

CONSTRUINDO IGREJAS SAUDÁVEIS

EVANGELIZAÇÃO

COMO CRIAR
UMA CULTURA
CONTAGIANTE DE
EVANGELISMO
NA IGREJA



J. MACK STILES

Apresentação de David Platt

Evangelização

Stiles, J Mack
9788527506779
144 páginas

[Compre agora e leia](#)

EVANGELIZAÇÃO É MAIS QUE UM PROGRAMA.

Passam-se alguns anos e as igrejas continuam se lançando à mais recente moda evangelística. Os líderes administram o novo programa, e os membros põem a mão na massa. Mas imagine uma igreja em que a evangelização simplesmente faça parte da cultura da igreja. Os líderes estão sempre compartilhando a fé e o fazem abertamente. Os membros os seguem, incentivando uns aos outros a tornar a evangelização uma forma da vida.

Esse é o conceito de evangelização apresentado neste livro pequeno, mas impactante. A questão aqui não é oferecer programas. Antes, ele apenas deseja propor à sua igreja uma nova maneira de viver e compartilhar o evangelho.

[Compre agora e leia](#)

FRANKLIN FERREIRA

— **CONTRA A** —
IDOLATRIA
DO ESTADO

O PAPEL DO CRISTÃO NA POLÍTICA




VIDA NOVA

Contra a idolatria do Estado

Ferreira, Franklin

9788527506649

288 páginas

[Compre agora e leia](#)

Contra a idolatria do Estado oferece ao leitor uma oportunidade singular de se posicionar de maneira ativa e consciente no atual cenário político nacional e internacional. Por meio da mensagem evangélica, a "religião do Estado" é confrontada e a ação política cristã é legitimada, ao mesmo tempo que qualquer autoridade humana é submetida à autoridade soberana de Deus, o único a quem devemos culto em todas as esferas de nossa vida.

[Compre agora e leia](#)

Jonathan Edwards

A Verdadeira Obra do Espírito

Sinais de autenticidade



VIDA NOVA

A verdadeira obra do Espírito

Edwards, Jonathan

9788527506540

104 páginas

[Compre agora e leia](#)

Esta obra é uma exposição de 1 João 4 feita com maestria e brilhantismo por Jonathan Edwards, que nos exorta a provar a procedência dos espíritos, de acordo com a recomendação do apóstolo João.

Os pensamentos do autor surgiram da necessidade de instruir os cristãos que viveram numa época de grande agitação e confusão, à medida que se faziam todos os tipos de reivindicação espiritual. Não é preciso dizer que a situação no Brasil de hoje apresenta muitas semelhanças.

[Compre agora e leia](#)

Horatius A. Bonar



Ganhadores de Almas


VIDA NOVA

Um recado para ganhadores de alma

Bonar, Horatius A.

9788527506557

64 páginas

[Compre agora e leia](#)

Um recado para ganhadores de almas é a expressão da dedicação de Horatius Bonar ao ministério da Palavra. Nesta obra, ele não apresenta métodos de evangelização ou coisa parecida; sua preocupação está mais voltada para a vida do ministro de Deus.

[Compre agora e leia](#)

CONTEX TUALIZAÇÃO

Missionária

- Desafios
- Questões
- Diretrizes

Barbara Helen Burns, Ed.


VIDA NOVA

Contextualização missionária

Burns, Barbara
9788527506588
272 páginas

[Compre agora e leia](#)

O que acontece quando o evangelho levado a outras culturas vem "embalado" nos padrões culturais do próprio missionário? Como evitar, por exemplo, a imposição de terno e gravata a pessoas de culturas em que todos usam túnica e turbante? Devemos esperar ouvir acordes de piano no louvor de povos indígenas?

Para responder perguntas como estas a missionária Barbara Burns reuniu várias autoridades da missiologia atual, entre elas Bernadete da Silva, Bertil Ekström, Joed Venturini de Souza, Kevin Bradford, Michael Dawson, Ronaldo Lidório e Silas de Lima. Juntos elucidam a história da discussão em torno de contextualização, bem como suas bases bíblicas, os diálogos acadêmicos relacionados, e exemplos práticos do campo missionário.

[Compre agora e leia](#)